



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**TATUAGEM, CARTOGRAFIA DE HISTÓRIAS NO CORPO: UM ESTUDO DE
CASO NO ESTÚDIO ONÇA EM RECIFE**

Clari Ana Horita

Recife, setembro de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**TATUAGEM, CARTOGRAFIA DE HISTÓRIAS NO CORPO: UM ESTUDO DE
CASO NO ESTÚDIO ONÇA EM RECIFE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado pela aluna **Clari Ana Horita** ao Curso de BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação da Profa. **Dra. GIUSEPPA SPENILLO**.

Recife, setembro de 2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

H811t Horita, Clari Ana
Tatuagem, cartografia de histórias no corpo: um estudo de caso no Estúdio Onça em Recife / Clari Ana
Horita. - 2023.
65 f.

Orientadora: Giuseppa Spenillo.
Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2023.

1. Tribos Urbanas. 2. Técnicas do Corpo . 3. Subjetividade. 4. Tatuagem. 5. Corporeidade. I. Spenillo,
Giuseppa, orient. II. Título

CDD 300

CLARI ANA HORITA

**TATUAGEM, CARTOGRAFIA DE HISTÓRIAS NO CORPO: UM ESTUDO DE
CASO NO ESTÚDIO ONÇA EM RECIFE**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à avaliação da banca examinadora do
Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE- Universidade Federal Rural
de Pernambuco, em ____/_____/____

Resultado da defesa: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Giuseppa Maria Daniel Spenillo (orientadora)

Professor Dr. Josias Vicente de Paula Junior

Professora Dra. Maria do Socorro de Lima Oliveira

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus familiares, aos meus amigos e amigas, e a todos(as) professores(as) com quem partilhei aprendizados durante minha graduação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a toda minha família. A minhas irmãs, avós, mãe, primos e tios, que sempre valorizaram a educação e, conseqüentemente, incentivaram-me e me ajudaram durante toda minha graduação. Obrigada por terem me apoiado numa decisão tão maluca e com tudo pra dar errado. Mudar com 20 anos para Recife e ficar a dois mil quilômetros de distância de vocês foi desafiador, mas me engrandeceu enormemente. Jamais teria aprendido tanto, em múltiplos sentidos, sem essa experiência.

No âmbito acadêmico, agradeço muito a todos que fizeram parte da gestão Liberdade é Não Ter Medo do Diretório Acadêmico de Ciências Sociais (DACCS). Obrigada, especialmente, aos companheiros de luta Lara Buitron, Leonardo Luiz e Gil! Fazer parte do DACCS me tornou pertencente à Universidade. O “aprender para além da sala de aula” me ensinou a ter gosto, entusiasmo e ânimo pelo curso em que escolhi me formar. O movimento estudantil foi o primeiro movimento social com o qual tive contato e, com o passar do tempo, percebi que escolhi fazer Ciências Sociais por conta do contato que eu desejava ter com os movimentos sociais. Meu pensamento crítico e minha visão de mundo hoje não seriam os mesmos se não tivesse vivenciado os debates, plenárias, assembleias, rodas de conversa e encontros proporcionados pelo DACCS, Articulação Nacional dos Estudantes de Ciências Sociais (ANECS) e demais entidades estudantis.

Não poderia deixar de mencionar minha enorme gratidão ao Professor Paulo Afonso, tão querido por todos. Jamais esqueceremos como Paulo Afonso procurou ajudar como pôde o nosso diretório, fosse prestigiando os eventos organizados por nós ou facilitando as burocracias da Universidade para que conseguíssemos o que precisávamos. Será sempre lembrado que o professor foi conosco até João Pessoa em 2019, sem ele, nenhum de nós teria comparecido ao Encontro Nacional dos Estudantes de Ciências Sociais (ENECS); tenho certeza que esse evento foi um divisor de águas para muitos estudantes, assim como foi pra mim. Além disso, o professor Paulo Afonso aceitou a ideia de fazer uma pesquisa sobre os 30 anos do movimento estudantil das Ciências Sociais da UFRPE, e que me ensinou boa parte

do que sei sobre como fazer pesquisa. Paulo Afonso vive! Agradeço muito que nossas vidas tenham se cruzado com a dele.

Também agradeço a professora Giuseppa por todo acompanhamento durante o desenvolvimento dessa pesquisa. Muito obrigada pela sua disponibilidade e compreensão. Seu acolhimento tornou o processo de escrita do meu TCC mais leve. Valorizo muito professores e professoras como você, porque nem sempre, durante o desencadear da vivência acadêmica, somos recebidos e compreendidos da mesma maneira, de iguais para iguais, de forma horizontal. Fiquei muito contente por ter aceitado meu convite de orientação. Agradeço também a professora Socorro que lecionou a disciplina de TCC 2 de forma muito eficiente, acolhedora e dedicada. Foi uma notícia incrível saber que ela ficaria responsável pela cadeira. Também agradeço ao professor Daniel Figueiredo e a professora Andrea Butto por terem dado, junto comigo, o pontapé inicial desse projeto. Meus agradecimentos ao professor Josias de Paula, por aceitar participar de minha banca e, além disso, por ter se disposto a me ajudar com meu tema de pesquisa, desde o momento que eu me interessei por pesquisar sobre tatuagem. Agradeço à Cris pela sua alegria e simpatia no acolhimento aos estudantes e a sua disposição para nos ajudar sempre. Obrigada Cleide, funcionária da Cozzi, por seu carinho e preocupação conosco em nossos encontros cotidianos no Restaurante Universitário da UFRPE. Por fim, pelo acolhimento e momentos de diversão, muito obrigada Delleon.

Obrigada aos amigos que fiz durante a graduação e que levarei para vida, além dos que já mencionei, agradeço também Rafael Stresser, Maria Paula, Clara Crocodilo, Igor Lira, Audir, Lucas Pércles e Tito. Vocês também contribuíram para que eu chegasse até aqui. Um agradecimento especial a Anne Karolayne, obrigada por tanto, você ocupa um espaço gigante no meu coração.

Também agradeço aos meus amigos de profissão, primeiramente, agradeço a Hannah Storm por ter me auxiliado com minhas primeiras dúvidas em relação a tatuagem quando decidi que queria ser tatuadora, e que até hoje tira um pouquinho do seu tempo para me auxiliar com dúvidas quando eu a aciono! Muito obrigada Rodolfo Nascimento, não sei se você sabe, mas imagino que se não fosse você, talvez nunca tivesse me tornado tatuadora. Obrigada também a Yuri Vinicius, Luciana Cavalcanti, Nívia Sobral, Enya Loreena e Clara Malaquias pelas vivências

compartilhadas no Estúdio Onça. E por último e não menos importante, agradeço a Bruna Nunes por sua amizade e companheirismo desde que cheguei em Recife.

EPÍGRAFE

“Só pela arte podemos sair de nós mesmos, saber o que vê outrem de seu universo que não é nosso, cujas paisagens nos seriam tão estranhas como as que por ventura existem na Lua.”

— Marcel Proust

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender as motivações de indivíduos que se tatuam, bem como os sentidos atribuídos por eles às suas tatuagens a partir de suas experiências pessoais. Para tal, realizamos um estudo de natureza qualitativa, um estudo de caso valendo-se de entrevistas semi-estruturadas, da história de vida e análise da bibliografia especializada, utilizando como principais autores Maffesoli e seu conceito de tribos urbanas, Mauss e a noção de técnicas do corpo, e, por fim, Foucault e a subjetividade como espaço de práticas de si. A tatuagem como objeto de pesquisa, signo de classe e expressão de valores e emoções ainda é pouco explorada nas Ciências Sociais e por isso, com este trabalho, nosso intuito está também em evidenciar a temática, aproveitando-se da condição de pesquisadora-tatuadora para lançar um novo olhar, mais sensível e imerso nesse universo.

Palavras-Chave: Tribos Urbanas; Tatuagem; Maffesoli; Técnicas do corpo; Mauss; Foucault; Subjetividade; Corporeidade;

ABSTRACT

The present work aims to understand the motivations of individuals who get tattooed, as well as the meanings attributed by them to their tattoos based on their personal experiences. For this, we carried out a study of a qualitative nature, a case study using semi-structured interviews, life history and analysis of the specialized bibliography, using as main authors such as Maffesoli and his concept of urban tribes, Mauss and his concept of body techniques, and, finally, Foucault and subjectivity as a space for practices of the self. Tattooing as an object of research, a sign of class and expression of values and emotions, is still little explored in the Social Sciences and therefore, with this work, our aim is to highlight the theme, taking advantage of the condition of researcher-tattoo artist to launch a new look, more sensitive and immersed in this universe.

Key words: Urban Tribes; Tattoo; Maffesoli; Body techniques; Mauss; Foucault; Subjectivity; Corporeity;

LISTA DE SIGLAS

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

DACS – Diretório Acadêmico de Ciências Sociais

ANECS – Articulação Nacional dos Estudantes de Ciências Sociais

ENECS – Encontro Nacional dos Estudantes de Ciências Sociais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. “TODA TATUAGEM, NO FUNDO, TEM UM SIGNIFICADO, [...] SIGNIFICA QUE VOCÊ TÁ QUERENDO FAZER PARTE DE UM GRUPO DE PESSOAS QUE TEM AQUELE TIPO DE TATUAGEM”	17
2. “IDENTIFICAÇÃO, UMA COISA QUE FAZ SENTIDO, ENTENDEU? PARECE UMA COISA CONHECIDA, [...] UMA COISA QUE PERTENCE MESMO, PARA ESTAR ALI NO SEU CORPO	31
3. “EU TATUO COISAS QUE SÃO IMPORTANTES PRA MIM, [...] QUE É REPRESENTATIVA DA MINHA VIVÊNCIA NO MUNDO”	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE A — QUESTÕES INICIAIS DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	59
APÊNDICE B — DESENHOS DAS TATUAGENS	59

INTRODUÇÃO

A tatuagem no Brasil, nos últimos anos, tem sido uma prática cada vez mais difundida e o preconceito e o estigma criados sobre ela têm diminuído conforme esse costume se expande. Se antes a tatuagem era prática de grupos marginalizados específicos como prostitutas, marinheiros e prisioneiros, a partir de 1990 houve uma mudança nesse cenário à medida que um novo grupo, a classe média, começou a aderir à tatuagem. Neste trabalho, compreendemos a tatuagem enquanto uma forma de comunicação, em que as pessoas a utilizam para adentrar em grupos específicos, e para, além disso, expressar suas subjetividades; através dela, realidades e vivências diversas são retratadas.

No ambiente acadêmico, assim como nas Ciências Sociais, existe uma produção de trabalhos que envolvem a temática da tatuagem, entretanto, os trabalhos que propõem se debruçar sobre o tema ainda são escassos e muito recentes. Sendo assim, é necessário que haja o desenvolvimento de estudos sobre tatuagem na área das Ciências Sociais, considerando o fato de que abordar tal temática significa discutir questões essenciais para a disciplina, tais como as noções de comunidade, subjetividade e identidade.

No âmbito pessoal, optei trabalhar com este objeto porque ao mesmo tempo em que cursava minha graduação, tornei-me tatuadora, quase que ao mesmo tempo. Então, senti uma necessidade de achar alguma lógica/ligação entre a tatuagem e as Ciências Sociais, uma vez que ninguém entendia o porquê eu optei por esse curso, já que tinha afinidade com as Artes Visuais. Com o tempo, comecei a perceber o sentido político das tatuagens que meus clientes escolhiam marcar em suas peles e isso me despertou curiosidade. Por esses motivos, decidi fazer essa pesquisa.

Para alcançarmos nosso objetivo, que consiste em compreender quais as motivações, os significados, os sentidos, as simbologias de suas tatuagens, no contexto das histórias de vida das pessoas pesquisadas, assumimos o estudo de caso como método de pesquisa, nos valendo da condição da

pesquisadora de tatuadora, proposta essa inédita, nos ancoramos na metodologia qualitativa interpretativa, coletamos relatos pessoais e utilizamos a observação participante e história de vida para elaboração da análise. O fato da própria pesquisadora ser também tatuadora, traz facilidades a sua entrada no campo, uma vez que esta já faz parte dele e, assim, pode descrever com mais propriedade os padrões de desenho observados. A observação participante exige uma percepção atenta dos símbolos e signos observados e do lugar que ocupam. Dessa forma, a pesquisadora traduz, a partir de seu olhar, uma nova perspectiva sobre o objeto.

Segundo Durham (1978), o fundamento da técnica da observação participante reside no processo de “aculturação” do observador, ou seja, a assimilação das categorias inconscientes que dispõem o universo cultural pesquisado. É através desse processo que o observador captura uma “totalidade integrada” de significados que é anterior ao processo sistemático de coleta e ordenação das informações etnográficas.

A pesquisadora já estava sujeita a esse processo de aculturação que a observação participante proporciona ao pesquisador, uma vez que seu campo de pesquisa é também seu local de trabalho. A diferença é que agora o seu olhar sobre o campo se dá através das lentes da pesquisa científica. Dito de outro modo, a apreensão inconsciente da totalidade que precede o procedimento também é o que permite a análise consciente da realidade investigada (DURHAM, 1978, p.14).

Aqui a tatuagem foi utilizada como mais um instrumento de pesquisa, a fim de obter, de uma nova forma, respostas para o problema em questão. Nosso estudo se desenvolveu desde a criação dos desenhos, até a execução da tatuagem. O levantamento de dados se deu através de entrevistas semi-estruturadas.

Selecionamos doze sujeitos para participarem da pesquisa, separando-os em três grupos etários: dos 18 anos aos 21; dos 22 aos 29 e a partir de 30. Quatro pesquisados estavam inseridos em cada grupo. Além disso, o grupo selecionado se difere quanto à raça, gênero, classe e orientação

sexual, essa diversidade permitiu uma análise que considerou contextos de vida distintos. Os nomes dos entrevistados mencionados durante o trabalho são fictícios e a escolha se deu com base nos nomes de tatuadores renomados atualmente em Recife. Além disso, os títulos escolhidos para cada capítulo são as próprias falas dos entrevistados. No apêndice encontram-se tanto os desenhos desenvolvidos para cada entrevistado quanto às perguntas que guiaram nossas entrevistas.

Após a seleção dos pesquisados, houve uma conversa por mensagem entre eu e eles para que pudessem optar por uma temática e compartilhar suas ideias; em vários casos, eles mandaram referências. A partir disso, desenvolvi desenhos únicos para cada participante, eles marcaram o dia em que a tatuagem seria aplicada, ao mesmo tempo em que a entrevista ocorreria. Isso possibilitou uma conversa fluida em que os pesquisados puderam se sentir confortáveis, uma vez que o tempo para se aplicar uma tatuagem é relativamente longo, de duas a três horas. Por conta do curto período de tempo disponível para execução da pesquisa, dos 12 entrevistados selecionados, 5 dos entrevistados já tinham feito tatuagem comigo anteriormente e, apenas nesses casos, a entrevista foi aplicada posteriormente, e não durante a feitura da tatuagem.

O campo onde a pesquisa ocorreu foi o Estúdio Onça, local no qual a pesquisadora trabalhava até o momento de recolher os dados. Foi considerado um estúdio de referência no Recife com, aproximadamente, dois anos de existência, o estúdio se localizava na Tamarineira, bairro nobre desta cidade, encerrando suas atividades em maio de 2023. É importante mencionar que todos(as) artistas que trabalharam no Onça, criavam desenhos autorais, isso quer dizer que cada desenho tatuado é único, os desenhos são criados exclusivamente para o(a) cliente e junto dele(a). Isso torna o processo de feitura da tatuagem mais demorado, encarecendo seu valor. Outra questão importante de se pontuar é que o Estúdio Onça foi o primeiro estúdio segmentado do Nordeste, todos(as) tatuadores(as) que por lá passaram são LGBTQIA+ e/ou mulheres. Essa prática de estúdio segmentado tem se tornado cada vez mais recorrente, seja por uma questão política, seja a fim de

proporcionar espaços seguros a clientes que pertençam a esses mesmos grupos, já que é recorrente os relatos, por exemplo, de mulheres que são assediadas por tatuadores durante sessões de tatuagem.

Diante desta problemática, apresentamos a análise dos dados resultantes da pesquisa realizada em três capítulos. No Capítulo I, debatemos porque os indivíduos se tatuam, analisando, principalmente, a primeira e segunda questões de nossa entrevista para responder tal pergunta. Para isso, utilizamos, principalmente, o conceito de tribos urbanas, desenvolvido pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, usufruindo, também, de algumas contribuições oferecidas a partir da teoria de Zygmunt Bauman.

Já no segundo capítulo, a partir da análise das respostas obtidas com a terceira e quarta perguntas da entrevista, abrimos a discussão sobre o que as pessoas pretendem comunicar através da tatuagem, tomando esta como uma técnica do corpo, conceito desenvolvido pelo antropólogo francês Marcel Mauss. Para isto, utilizamos também outro conceito abordado pelo mesmo autor, o de *persona*, que também é desenvolvido por Maffesoli.

E por fim, no terceiro capítulo, abordamos como as vivências subjetivas (no sentido de pertencimento social) dos sujeitos são expressas através da tatuagem. Trabalhamos tal análise a partir das ideias de Michel Foucault sobre subjetividade como um espaço das práticas de si e das práticas de liberdade e não apenas derivado das práticas de coerção, estas coordenadas pela narrativa hegemônica através dos jogos de verdade.

A seguir apresentamos um quadro como guia de leitura em relação aos nomes fictícios dos entrevistados, a data em que foram feitas as entrevistas e o que cada um escolheu tatuar:

Identificação	Data que fizemos a entrevista	Desenho tatuado
Julia	30/03/2023	Folhas de costela de adão
Lusca	05/02/2023	Vaso de flores de orquídeas
Hannah	24/03/2023	Figura espinhosa

Fábio	14/02/2023	“Tanto Faz”, Título da música de Urias
Beatriz	28/02//2023	Caldeirão de bruxa
Rodolfo	02/03/2023	Estátua do Chico Science da Rua da Moeda
Humberto	24/02/2023	Carranca
Pedro	10/02/2023	Capa do álbum de Racionais “Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1&2”
Fabi	08/02/2023	Cabeça de Fita, capa da mixtape de Emicida “Pra Quem Já Mordeu um Cachorro por Comida Até Que Eu Cheguei Longe”
Netu	15/03/2023	Sua gata
Tyce	12/04/2023	Símbolo do feminismo
Dandara	14/03/2023	Uma águia

1. “TODA TATUAGEM, NO FUNDO, TEM UM SIGNIFICADO, [...] SIGNIFICA QUE VOCÊ TÁ QUERENDO FAZER PARTE DE UM GRUPO DE PESSOAS QUE TEM AQUELE TIPO DE TATUAGEM”

Em decorrência do advento da modernidade e de seus ideais liberais, a exemplo da valorização da liberdade, da racionalidade e da esfera privada, o indivíduo passou a ser enaltecido. À medida em que esses ideais liberais eram difundidos, os desejos individuais passaram a se sobrepor aos anseios da comunidade; foi um período de estímulo à autonomia do ser humano em relação à vida social. Dessa forma, ele se sentia liberto de regras e valores comuns, porque foram sendo substituídos por regras e valores sociais.

Segundo Mocellim (2011), os meios de comunicação e transporte passaram a integrar, cada vez mais, o território global na modernidade, junto a isso, a diversidade que se faz presente no aumento do número de pessoas vivendo numa região e com a impossibilidade de sua limitação territorial, fez com que houvesse uma ampliação da individualização. Os indivíduos da metrópole dispõem de uma gama de escolhas e opções, mas carecem de uma vida orientada por códigos morais, típicos da comunidade. A globalização acabou com as possibilidades de demarcação clara dos limites de uma comunidade, dificultando a localização das relações e sua durabilidade ao longo do tempo.

A redescoberta da comunidade no pensamento social é colocada como crítica ao modelo de sociedade utilitarista, vinculada ao modelo de sociedade centralizada no indivíduo racional, havia uma aversão iluminista à tradição do feudalismo.

A comunidade foi redescoberta, ganhando nova importância, quando esse modelo de indivíduo racional foi visto como limitado para a compreensão das ações motivadas por laços morais tradicionais. Contudo, sua redescoberta se deveu também à radicalização do modo de vida moderno e a seus processos de urbanização e individualização. (MOCELLIM, 2011, p.107).

A expansão da cidade sobre o campo deslocou a centralidade do modo de vida comunitário. Houve uma ampliação dos contatos, ao mesmo tempo que

uma diminuição de sua importância, fazendo a personalidade da comunidade perder espaço para a impessoalidade da metrópole. Se a comunidade agrega, é tradicional e homogênea, a sociedade desagrega, é moderna e heterogênea.

Deve-se notar que, em uma forma de vida comunitária, a restrição relativa ao espaço se refere diretamente ao grau em que é possível a manutenção do compartilhamento de valores – a ponto de as relações continuarem configurando um grupo coeso. Essa limitação não se refere apenas ao espaço, mas ao número de membros, e é bastante razoável sugerir que os limites da comunidade são os limites da família, da aldeia e das pequenas cidades. (MOCELLIM, 2011, p.109).

Entretanto, segundo Maffesoli (1998), com a chegada da pós-modernidade ocorre também um processo de desindividualização. Os grupos formados nas megalópoles são estreitados e há um aprofundamento das relações desenvolvidas dentro deles.

Se a modernidade pôde ser obnubilada pela política, a pós-modernidade poderá sê-lo pelo clã. O que não deixa de modificar a relação com a Alteridade, e mais precisamente com o Estrangeiro.* Com efeito, que tende a predominar é uma solidariedade mecânica dos indivíduos racionais, entre si, e de seus conjuntos com o Estado. Ao contrário, no caso do clã, seremos confrontados com uma solidariedade orgânica que vai acentuar especialmente, o todo. (MAFFESOLI, 1998, p. 143).

O autor pretende analisar as configurações sociais que ultrapassam essa individualização moderna, através do conceito de tribo urbana. Para Maffesoli (1998), uma pessoa só existe na relação com o outro, e sob a lógica individualista a identidade é construída separada e fechada em si mesma. Se antes nossa identidade era delineada, nossos projetos de vida duradouros e estáveis, hoje nosso perfil é mutante, nossos projetos ocasionais e nosso futuro incerto. A lógica da pós-modernidade, ao contrário da modernidade, seria mais a da identificação do que da identidade.

Neste trabalho, entendemos o grupo de pessoas que se tatuam enquanto uma tribo urbana. Para Maffesoli (1998) as tribos urbanas são agrupamentos semi-estruturados, compostos por pessoas que se unem por uma identificação que se dá através de rituais que expressam valores específicos de um território, real ou simbólico, e de uma época.

Além disso, as tribos urbanas são múltiplas; o indivíduo indivisível e uno dá lugar a pessoa (*persona*/máscara). Ou seja, a pessoa passa a ter diversas máscaras à sua disposição, dependendo da qual ela escolhe vestir, adentra em uma tribo específica.

As tribos urbanas se caracterizam por focar no presente; são instáveis porque são emocionais, mas mesmo assim, a liga que possuem faz com que sejam longínquas. Enquanto o interesse por determinada atividade perdurar, podendo ser a prática da tatuagem uma delas, os vínculos do grupo se mantêm. Entendemos o grupo de pessoas que se tatuam enquanto tribo urbana porque ao se tatuarem, passam a se afirmar enquanto parte de um grupo. Através de suas tatuagens, demonstram seus valores, evidenciam quem são e o que viveram ou vivem.

Além disso, Maffesoli (1998) comenta que o tribalismo se estrutura pela comunidade emocional, um tipo de uma socialidade com dominante empática que se manifesta num fluxo de sentimentos e emoções. Essas comunidades são efêmeras, não possuem organização, têm uma inscrição local e estrutura cotidiana. Apesar de instáveis porque formadas por sentimentos, também são sólidas, uma vez que, a ligação entre a emoção compartilhada e a comunalização aberta, cria essa multiplicidade de grupos que se constituem num laço social sólido construído através da vivência cotidiana. Procura-se a companhia daqueles que pensam/sentem como nós. Já o sociólogo alemão Zygmunt Bauman contrapõe-se a essa ideia de solidez das relações sociais. Para ele, todas elas são hoje, a todo instante, instáveis; porque nas sociedades contemporâneas, nada é feito para durar.

A fragilidade e transitoriedade dos laços pode ser um preço inevitável do direito de os indivíduos perseguirem seus objetivos individuais, mas não pode deixar de ser, simultaneamente, um obstáculo dos mais formidáveis para perseguir eficazmente esses objetivos — e para a coragem necessária para persegui-los. Isso também é um paradoxo — e profundamente enraizado na natureza da vida na modernidade líquida. (BAUMAN, 2001, p.159)

As perguntas que nos guiarão para responder a esta questão, são as duas primeiras da entrevista semi-estruturada aplicada, já mencionadas anteriormente. Nos debruçaremos, ao longo deste capítulo, nas respostas

dadas para cada pergunta, analisando o conteúdo obtido a partir da bibliografia especializada, em especial no que concerne ao conceito de tribos urbanas.

A primeira entrevista que comentaremos é a de *Beatriz* que tatuou um caldeirão de bruxa. Quando perguntada sobre a quê a tatuagem remetia, a resposta dela foi a sua ancestralidade, a sua profissão (cozinheira), a sua infância, a comida, e as panelas de barro de sua avó. Sobre suas motivações, respondeu:

Então, o caldeirão, a panela de barro, o caldeirão lembra muito quando eu comecei a ter contato com a cozinha, assim, com comida, e é uma memória que eu tenho da minha infância grande que era o lugar que eu mais gostava de ficar e era o que eu mais via, era as panelas fervendo muito da minha avó e sempre que falo, eu volto muito pra aquele lugar, né. Eu queria trazer pra mim, essa lembrança. E quando eu olho pra ele hoje, pra esse caldeirão, é como se eu estivesse voltando 30 anos atrás, quando eu era pirraia e ficava sentada na cozinha vendo minha avó cozinhar e me dando a comida pra eu provar. Eu adorava aquilo. (Beatriz, 28/02/2023).

Beatriz marcou em si a sua história profissional e sua infância, com o intuito de mostrar quem ela é e a força que tem, pelas coisas que já passou. É o que Maffesoli afirma sobre abrir-se para o outro, o autor constata que a sensibilidade coletiva que se tem desenvolvido na pós-modernidade cria um tipo de “aura” que é específico dessa época: a aura estética; onde se encontrarão os elementos que remetem à pulsão comunitária. O que caracteriza essa estética do sentimento é a abertura para o Outro (MAFFESOLI, 1998). Essa sensibilidade coletiva servirá de alavanca metodológica para entender a organicidade das cidades contemporâneas. Entretanto, esse abrir-se para o outro não é no sentido de receber o outro, e sim, no sentido de se mostrar para o outro; os indivíduos se abrem, mostram-se, comunicam-se através das tatuagens.

Sendo assim, *Beatriz* (28/02/2023) não queria apenas marcar essa lembrança em si, mas também, mostrar isso para o outro: “Fazer essa tatuagem foi nessa intenção assim de eternizar em mim, levar comigo e mostrar pras outras pessoas quem sou eu”. É a busca que nos leva a encontrar outras pessoas que pensam como nós, que compartilham os mesmos valores e experiências. Em outro momento, ela menciona a busca pela sua

ancestralidade que diz respeito ao seu resgate racial, um processo que muitas pessoas não-brancas passam e que é importante porque as conecta a sua origem, as faz se afirmar politicamente e provocam o sentimento de pertença; conseqüentemente, buscam “os seus”.

Ancestralidade é isso né, eu sou uma mulher preta. Todas as, tudo o que veio antes de mim, a maioria das mulheres que veio antes de mim, nessa questão racial, eu sei que trabalhavam com isso, que viviam disso. Comida é uma coisa, pra minha raça, que sempre foi pouco, é... selecionado... é... eu tô procurando a palavra e não tô encontrado. Sempre foi algo extinguido, não? [...] Sempre foi algo escasso, então a escassez é a realidade da minha raça, né. Aí quando eu falo em ancestralidade, é isso. É comida, assim, é algo escasso pra gente, mas a boa comida sempre foi servida pela gente. A origem da alimentação, da comida, tem um pé na África, tem um pé na negritude, na história dos negros. Então, a gente era proibido de comer, mas as melhores comidas vieram da... as melhores receitas, as melhores coisas sempre eram feitas por nós. Então, é isso, é essa busca dessa ancestralidade, é essa busca da minha ancestralidade, da panela, do fogo, do caldeirão. (Beatriz, 28/02/2023).

Olhando agora para o caso de *Hannah*, ela escolheu tatuar uma figura espinhosa, algo parecido com o caule de uma rosa. Quando perguntada sobre o que aquilo remetia a ela, respondeu que a algo espinhoso, a galhos, plantas crescendo e agressividade, o que machuca. Ela menciona que a tatuagem é uma representação dela, que assim como a tatuagem é frágil, difícil, fina, agressiva, “algo que cresce”. Quando perguntada o porquê de se considerar difícil e agressiva, ela responde que, primeiramente, escolheu o local da tatuagem (embaixo do peito) por ser um local doloroso, ela intencionalmente quer que os outros a reconheçam enquanto uma pessoa corajosa, que aguenta dor, que é agressiva. Segundo *Hannah* (24/03/2023),

Com a tattoo é isso que eu quero passar, tipo eu tive coragem, tá ligado? Eu fiz embaixo do meu peito, tu não sabe não. Tu não sabe se doeu, mas tá aqui.” Em segundo lugar, ela justifica que ela é difícil, porque é uma pessoa difícil de ser lida: “Quero dizer sobre as pessoas não lerem a gente né, travestis e tal e aí olharem a gente de outra forma. Olharem a gente e: nossa, com certeza ela é uma gata agressiva. E não, é só o que a gente tá tentando passar.” (Hannah, 24/03/2023).

A agressividade é utilizada como modo de defesa, numa sociedade que não reconhece a vida de mulheres trans e travestis. Isso seria o que Maffesoli

chama da lei do meio, a moral ética que se opõe à moral imposta pela Modernidade. Aquela é empática e proxêmica. A aura estética produz essa ética. Isso porque para que a comunidade instável não possua caráter anômico em relação à moral estabelecida, cria-se, dentro da comunidade emocional, regras não ditas que não são possíveis de se ignorar, mas também não são normativas, essa ética surge a partir do cotidiano vivido pelo *ethos* do grupo. *Hannah* está falando sobre o que Aura Cristina Sousa Dias chama de “pedagogia da navalha e molotov”. O meio induz um modo de agir, que privilegia menos o que cada um vai aderir voluntariamente e mais os sentimentos comuns, e assim agem porque elas são e foram historicamente marginalizadas, violentadas e assassinadas.

Constantemente sofro ataques que são direcionados a mim de maneira explícita e velada, sou cobrada para que tenha uma postura didática e até mesmo empática com aqueles que me agridem, minhas dores não são levadas em conta, mas eu devo considerar os processos dos outros. Sinalizações doces parecem não surtir efeito, então, ante o exposto tenho adotado aquilo que chamo de pedagogia da navalha e molotov, com falas que por vezes são compreendidas como duras, agressivas, mas que são imediatamente escutadas, serei amarga e dura e quem quiser doçura que produza sua rapadura em casa. (DIAS, 2020).

Já *Rodolfo* tatuou a estátua de Chico Science que fica localizada na Rua da Moeda, em Recife/PE. Quando perguntado a que esse desenho o remetia, respondeu que queria se lembrar do lugar de onde ele é (Pernambuco). *Rodolfo* estava num processo de mudança para outro país, então queria marcar sua pele com algo que remetesse onde ele cresceu e viveu a maior parte de sua vida, para que não se perdesse de si, uma tentativa de trazer para perto a sua história, seus amigos e família. Como também, mostrar para novas pessoas de onde ele veio.

Rodolfo menciona que escolheu tatuar Chico Science por causa de um amigo muito próximo, pois foi ele quem mostrou um “outro lado” de Recife, um lado mais cultural e que hoje ele valoriza mais do que antes.

“Chico e o Caranguejo, por incrível que pareça, eu pensei em fulano. [...] Porque, na verdade, fulano que me apresentou muitos lugares daqui, sabe? Eu conheci fulano em 2019 e eu não saía muito e as coisas... eu também frequentava uns

lugares muito hetero top. Aí acho que não só fulano, [...] a galera assim que eu andava há um tempo atrás, me mostrou outra visão da cidade, tá ligada? Eu não tinha a visão que eu tenho hoje em dia de Recife. E aí fulano é muito uma referência pra mim, dessas coisas, sabe? [...] Eu acho que eu não olhava Recife com... Na real, eu sempre fui muito afastado de qualquer coisa muito ligada a cultura. E hoje, eu vejo Recife mais por essa visão do que só por uma cidade que eu nasci, sabe? De ver beleza nas coisas que tem aqui, nas coisas que foram produzidas aqui, de querer saber, sabe? de procurar músicas, pessoas, artistas daqui. Acho que hoje em dia eu me interessou muito mais e me apaixonei muito mais por essas coisas do que sei lá, a cinco anos atrás, quatro anos atrás. Hoje eu tenho essa referência de Recife, de uma cidade que eu amo, amo ter nascido aqui, sabe? (Rodolfo, 02/03/2023).

Esse medo de se perder de si a que *Rodolfo* se refere, é um medo de se perder daquela tribo a qual ele faz parte, é saber que, indo para outro território, terá contato com outros grupos, mas que não quer deixar de fazer parte do qual ele participava/participa em Pernambuco. Quando indagado sobre o porquê do medo dele se perder de si mesmo, respondeu:

Por que eu tenho medo de me iludir com as coisas que me esperam, sabe? De tá passando por uma situação meio bad aqui, chegar lá e a situação ser um pouco melhor e eu achar que a minha vida tá lá, mas eu não quero achar que minha vida tá lá, sabe? Eu quero que seja só um processo. Mais que tudo, minha história, meus amigos, minha família, tá tudo aqui e eu não quero me afastar disso. Tenho medo de ir e quando voltar... sei lá... e vai ser né, tudo diferente. Mas que seja tão diferente ao ponto de eu não reconhecer mais nada, sabe? Esse tipo de coisa. (Rodolfo, 02/03/2023).

Esse entusiasmo em mostrar para o outro de onde ele veio, continua sendo a lógica de evidenciar seus valores. E isso também o separa dos que não pertencem a sua tribo, como uma reafirmação do seu “eu”, delimitando o território de separação de sua tribo em relação a outras.

Tipo, quando eu conhecer pessoas novas e as pessoas o porquê dessa tatuagem, eu poder contar daqui. E isso também é um pouquinho de onde eu vim, sabe? De não esquecer de onde eu vim. De mostrar essas coisas pra outras pessoas, do mesmo jeito que um dia fulano me apresentou vários lugares de um lugar que.. Aquele negócio que eu até tinha falado contigo ontem: isso sempre esteve aqui, mas eu nunca vivi isso aqui. E poder falar disso pra outras pessoas, do mesmo jeito que me apresentaram, mesmo tanto tempo depois. Tipo, eu estudava aqui no centro da cidade, mas eu nunca visitei lugares daqui do centro da cidade, vim visitar depois de fazer

18 anos. E acho que é isso, acho que passar um pouquinho disso pras pessoas que eu encontrar lá na frente. (Rodolfo, 02/03/2023).

Quando Rodolfo (02/03/2023) é indagado por que ele fazia questão de mostrar para os outros de onde ele veio, respondeu: *“Acho que, nesse contexto, do caso de... de tá indo embora. Mostrar um pouquinho que eu sou apaixonado por aqui, sabe? De não querer me desprender daqui. Antes não ter visto com tanta clareza a beleza das coisas aqui e agora ver”*.

Outro entrevistado, *Humberto*, também tatuou algo que remetia à cultura pernambucana: uma carranca. Mas não só isso, a carranca, para ele, também remete a ancestralidade, proteção, blindagem, corpo fechado e brasilidade. Quando perguntado sobre quais as motivações que o levaram a tatuar esse desenho, respondeu:

Identificação, uma coisa que faz sentido, entendeu? Parece uma coisa conhecida, entendesse? Me lembra desde que tinha uma carranca na casa da minha bisavó, tinha uma carranca na casa de todos os meus tios, então é uma coisa que parece conhecida. Parece uma coisa que pertence mesmo, pra estar ali no seu corpo né. E eu sempre achei muito bonito. [...] Pertencimento... Essa questão de “ah, é uma coisa que é brasileira e tal”. É muito mais pertencimento no sentido que faz sentido, não é uma coisa só estética, assim, faz todo sentido de tá ali porque eu entendo, tem um significado pra mim, da tatuagem em si, a carranca em si tem um significado. Tudo isso faz sentido. (Humberto, 24/02/2023).

Um ponto importante de se levantar sobre as escolhas das temáticas dos desenhos tatuados, é que nenhum entrevistado escolheu uma tatuagem que não tivesse significado, apesar de hoje, muitas pessoas tatuarem desenhos que não tem significado imediato, aparentemente, o significado ainda está muito preso à ideia da tatuagem. Isso porque os significados estão cheios de sentimentos. E são esses mesmos sentimentos compartilhados que encaixam cada qual em sua tribo.

Humberto menciona a questão do cotidiano algumas vezes durante a entrevista, foi a figura da carranca que era presente no seu dia-a-dia que o fez criar essa familiaridade e identificação com ela. Maffesoli (1998) dá ênfase nessa questão, tanto para falar sobre a ética do grupo quanto do costume. O

autor menciona que depois da estética e da ética, o costume é um importante fator para caracterizar a vida cotidiana dos grupos contemporâneos. Ele entende costume enquanto o conjunto dos usos comuns que faz com que os grupos se reconheçam como aquilo que são. Então, através do costume que as pessoas da família do *Humberto* tinham de ter uma carranca na entrada de suas casas, as protegendo dos maus espíritos, elas se conectam a certos aspectos de uma ancestralidade, da negritude, da cultura pernambucana, etc.

É uma coisa nordestina, pernambucana, indígena. [...] Eu acho que é uma coisa bem sincrética assim, é uma mistura de cultura indígena com cultura africana mesmo. Mas nem tem muita certeza né, por isso que eu falei também essa coisa de pertencimento porque não tem uma coisa assim, um estudo por trás, nem eu sei exatamente. Mas sabe aquela coisa que você mesmo sem saber todos os elementos, faz sentido ali. Não parece que veio de fora, mas uma coisa que sempre esteve ali. (Humberto, 24/02/2023).

Humberto é indagado se o que ele menciona nessa fala tem a ver com seu dia-a-dia, e ele confirma que sim.

Já *Netu* tatuou sua gata preta, ele comenta que já teve vários gatos, mas que essa é a que mais se identificou até hoje. Ela foi a primeira gata que, de fato, era ele quem cuidava, já que durante sua vida conviveu com muitos outros gatos, porém, estes possuíam outros tutores. Quando perguntado sobre suas motivações, *Netu* respondeu que foi porque ela era “A Gata”, e que os gatos são especiais. Isso porque ele a via muito em sua personalidade, dando alguns exemplos; mencionou que muitos gatos têm “frescuras” e não deixam que os toquem. Já a sua, é muito “de boa”, ele fala que a pega de qualquer jeito e relata gostar disso. Além disso, *Netu* não tem afinidade com gatos que pedem atenção o tempo todo, ela não é uma gata muito carente, gostava de carinho, mas não sempre. A gata era o suficiente para ele e entendia seu tempo.

Netu menciona que possui um traço de personalidade mais cauteloso, primeiro vê as coisas para depois fazer, suas reações são mais controladas, e relata perceber isso também em sua gata. Menciona que ela não está sempre disponível para socializar com todos que tentam contato, esconde-se para uns, mas com outros se sente confortável para ficar junto. Percebendo a diferença de cada indivíduo, *Netu* entende que a depender da pessoa, há um jeito de

falar ou de tocar específico, e por isso se reconhece nos comportamentos de sua gata.

E aí tipo, eu gostava de dar carinho, mas ser uma coisa bem rápida. Passo ali, dou carinho e vou embora, sabe? Não gostava daquela coisa eterna de gato não. Às vezes o carinho é pra sempre, fica o tempo todo em cima de você. Aí eu gostava disso, dela ser um gato meio que gostava do carinho, mas, ao mesmo tempo, ela vinha ficava um minuto e saía, já enchia o saco. Ela era tipo o suficiente pra mim. Aí eu me identificava muito com ela. (Netu, 15/03/2023)

Sendo assim, *Netu* ao tatuar sua gata, pretende mostrar ao outro a sua própria personalidade, evidenciando quem ele é. Como também, coisas que ele valoriza, por exemplo, a sua privacidade e espaço, uma vez que ele menciona que a gata gosta de carinho, mas nem sempre, ou que ela se aproxima dos que chegam em sua casa, mas que essa reação não é usual e nem surge com todos.

Maffesoli (2006, apud MOCELLIM, 2001, p. 123) afirma que, junto ao tribalismo, retorna-se também no mundo contemporâneo, os mitos. Eles voltam na forma das histórias que os grupos contam sobre eles mesmos, elas remetem a origens fantásticas, e possuem seus heróis e histórias originárias. Junto aos mitos, também há os ritos que organizam a vida dos grupos em torno dos eventos que os fazem se reunir. A tatuagem pode ser compreendida, para a tribo dos tatuados, como uma forma de rito, o ato de se tatuar a reúne e através dela é que a história deles se revelam.

Julia tatuou duas folhas de costela-de-adão e respondeu que a tatuagem feita nela remetia a botânica, a lugares que contém mato e folha. O que motivou ela a fazer foi sua paixão por plantas e o fato de achar a costela-de-adão uma planta bonita. Mencionou que se sente bem vendo isso e gosta de estar presente na natureza. É um lugar que a traz calma quando precisa pensar e espairar, e é nela que *Julia* relata se encontrar, a praia e a mata são lugares que a trazem conforto. Essas coisas que ela diz que representam-na, expressam seus valores.

Acho que é justamente isso, tipo o intuito de agora fazer coisas, colocar no meu corpo coisas que me representa. Por exemplo, a natureza é onde eu gosto de tá, é o lugar onde me traz paz, me traz calma. Enfim, acho que colocar no meu corpo é

reafirmar isso, sabe? [...] É como se fosse mais eu em mim, mais de mim em mim. (Julia, 30/03/2023).

A identidade individual, para Maffesoli (1998), é orientada por uma identidade que é partilhada pelos grupos que pensam e agem de forma semelhante, e esses mesmos valores compartilhados, criam redes de amizade que se reúnem sem projeto específico de forma cotidiana, podendo ser pontuais, “não se trata apenas de uma identidade individual, mas de uma identidade comum à tribo a que pertence” (Mocellim, 2011, p.123). Ou seja, pessoas que têm a prática de se tatuar se identificam, no que se refere a prática, ao tema, aos profissionais que realizaram seus trabalhos, entre outros. Essas redes de amizade são teleológicas, organizadas, e normalmente, se apoiam numa ideologia política ou religiosa. O maior desenvolvimento da tecnologia, permitiu que essa aproximação acontecesse para além do espaço físico, através das redes sociais, por exemplo. Então, formam-se cadeias de amizade que multiplicam as relações através da lógica do “alguém que apresenta outro alguém”.

Já *Fabi*, tatuou a capa da mixtape do Emicida intitulada “Pra quem já mordeu cachorro por comida até que eu cheguei longe”. A mixtape tem esse nome porque Emicida nasceu em zona de risco e a família dele passou fome; houve um episódio de sua infância em que ele estava almoçando e o seu cachorro roubou sua comida, sua reação foi morder o cachorro para pegar a comida de volta. Para *Fabi*, essa tatuagem remete a lembrança de não estagnar, a persistência, a superação e a manter o foco em seus objetivos.

Devido às circunstâncias complicadas do local onde cresceu, o medo de desistir dos seus sonhos a acompanha, mas apesar de entender que os fatores de desigualdade social presentes em sua realidade tivessem influência sobre quem ela é e reconhecer que esses fatores dificultariam que ela alcançasse seus objetivos, sabia que isso não a limitaria. Sua intenção era tatuar o cabeça de fita quando se formasse em sua graduação. Isso porque ela foi a primeira pessoa de sua família a entrar em uma universidade pública. *Fabi* ressalta que quando você vem de um lugar de escassez, agarra-se a qualquer coisa que pareça ser uma porta de saída de lá, por isso essa questão de não estagnar

está presente com ela até hoje e por isso marcar o momento da sua formação foi importante para ela. Quando indagada sobre suas motivações, respondeu:

Então, tem essa memória, assim, entre aspas, engraçada dele literalmente morder o cachorro pra pegar a comida de volta. Mas esse lugar de escassez, sabe? [...] Na mixtape inteira, o Emicida fala muito do lugar de onde ele veio, da pobreza, da violência e numa das músicas, ele fala da mãe dele, da chuva, dos momentos que chovia muito e a casa deles alagava e tal e a mãe dele trancando ele no guarda-roupa pra ele não ser levado pela água e falando pra ele não ficar com medo. [...] E isso me lembra desses momentos assim em que a minha mãe, comigo e com o meu irmão, a gente se deitava embaixo da cama quando vinha os tiroteios e ela mandava eu ficar calada e não ter medo. Ou de quando ela mandava dormir pra esquecer a fome ou de várias situações que a gente passou criança. Então esse título, “pra quem já mordeu um cachorro por comida até que eu cheguei longe”, faz sentido pra mim, sabe? Nunca mordeu um cachorro por comida, mas passei por muita coisa e.. E aí, enfim, tem todo esse sentido a mixtape. (Fabi, 08/02/2023).

Fabi menciona que nos momentos difíceis escutava essa mixtape. Lembrou que se identificava com o que o Emicida cantava porque se reconhecia em suas músicas. Emicida foi sua primeira referência de homem negro e ativista. Marcar sua pele com essa mixtape é demonstrar que ela se reconhece no artista. Espelhando-se num sentido político, quando menciona que ele é uma referência de homem negro e ativista; ela também se inspira no sentido da história de vida do Emicida, “*ela não é uma coisa de: estou marcando na minha pele que cresci num lugar de violência. É um: estou marcado na minha pele que não fiquei presa num lugar de violência, que não virei estatística [...] Não que não me influenciou, mas que não me condenou, entendeu?*” (Fabi, 08/02/2023).

Nesse sentido, Emicida influencia uma série de indivíduos que passam por situações semelhantes às dele, que possuem os mesmos dilemas decorrentes do racismo e da desigualdade de classe, que compartilham dos mesmos valores e sentimentos, formando um grupo que divide uma mesma identidade.

Vejamos o caso de Tyce, ela tatuou o símbolo do feminismo, quando perguntada sobre o que esse desenho a remetia, respondeu sobre sua condição de mulher, das dificuldades que surgem disso e que se precisa

superar dia-a-dia, até mesmo na esfera profissional. Ela discorre sobre ser professora, e que sua profissão é associada enquanto uma profissão destinada às mulheres. Relata também que existe uma hierarquia dentro da educação, os professores de alunos mais velhos costumam ser homens, e dos mais novos, mulheres, porque elas estão mais atreladas às questões de cuidado. Tyce conclui que essa é apenas uma das situações das várias que carrega consigo há muitos anos, questões que se formam por conta do patriarcado, que ela reflete e luta contra.

Quando perguntada sobre as motivações que a levaram a tatuar o símbolo do feminismo, responde que aprecia tatuagem e tatua aquilo que gosta e considera importante, uma forma de representar sua vivência no mundo. Tatuar isso foi importante pra ela porque

Ficou marcado. Eu ainda coloquei num lugar bem visível pra não deixar dúvidas quando alguém me ver ou conhecer alguém, da minha posição né, da minha posição crítica em relação a tudo. E me lembra as vezes pra mim mesmo, às vezes é difícil tá sempre lutando, tá sempre indo contra o sistema. (Tyce, 12/04/2023).

Observa-se através dessa fala, que Tyce pretende comunicar para os outros a sua posição política e crítica através da imagem. O que poderia, até mesmo, acarretar um afastamento daqueles que se colocam contrários a esses ideais. Como já mencionado, ela tatua coisas que considera importantes, outras tatuagens podem remeter a outros valores que a coloquem frente a outras tribos. E cada qual possui seu próprio código ético e sua própria moral. Sendo assim, um membro de determinada tribo não partilha de apenas uma identidade, mas sim de várias. “O novo tribalismo, ao contrário do antigo, permite a integração em diversas tribos e hibridismo de diversas identidades de grupo, que, juntas, compõem uma identidade individual” (MOCELLIM, 2011, p.123).

A heterogeneidade é característica, então, da metrópole moderna; as diversas tribos que surgem e se dissipam, encontram e desencontram-se o tempo todo. Entretanto, existe uma interlocução entre elas, já que um único membro faz parte de diferentes tribos. Devido a isso, existe constantemente um tipo de ligação/conversa entre diferentes tipos de tribos, enquanto a vida na

metrópole acontece. Esse transitar por várias tribos diferentes, cria identidades híbridas, o que permite enxergar a sociedade enquanto uma rede ou um conjunto de redes sociais, tornando mais nítida essa movimentação/cruzamentos aos olhos da pesquisadora.

O paradigma da rede pode, então, ser compreendido como a reatualização do antigo mito da comunidade. Mito, no sentido de alguma coisa que, talvez, jamais tenha existido, age, com eficácia, no imaginário do momento. Daí a existência dessas pequenas tribos, efêmeras, mas que nem por isso deixam de criar um novo estado de espírito que parece predestinado a durar. (MOCELLIM, 2011, p. 124, APUD MAFFESOLI, 2006, p. 239).

Por fim, a vida tribal não significa a perda da individualidade, ela a reconhece, ao mesmo tempo que não leva ao atomismo; ela une tribo e indivíduo, construindo identidades que fazem parte de diversas tribos. Assim parece possível compreender a vivência contemporânea para além de forma puramente individualista. (Mocellim, 2011).

Uma vez que entendemos que a tatuagem é utilizada pelos sujeitos com o intuito de encontrar e adentrar em grupos específicos, que compartilham os mesmos valores que os desses sujeitos, foi possível compreender o porquê as pessoas se tatuam. É preciso, agora, discutir como os indivíduos utilizam o seu corpo tatuado como forma de promover identificação, percebendo as máscaras que assumem para adentrar nas tribos. Assim, será possível compreender o que os sujeitos pretendem comunicar através da tatuagem.

1. “IDENTIFICAÇÃO, UMA COISA QUE FAZ SENTIDO, ENTENDEU? PARECE UMA COISA CONHECIDA, [...] UMA COISA QUE PERTENCE MESMO, PARA ESTAR ALI NO SEU CORPO”

Mauss (2003) aborda a questão da corporeidade. Ele apresenta o conceito de técnicas do corpo e as compreende como “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (Mauss, 2003, p.401). Ele entende que toda sociedade possui seus próprios habitus, esses “hábitos”, não variam conforme cada indivíduo, mas sim, variam conforme as sociedades. É preciso enxergar as técnicas onde geralmente, só se enxerga as faculdades de repetição da alma.

Para exemplificar o que, na prática, seriam técnicas do corpo, Mauss (2003) comenta sobre um fato australiano. Ele pontua que o australiano consegue correr atrás de cangurus, emas, cães selvagens, até que eles se cansem. Conseguem também capturar o opossum no alto de sua árvore, por mais que a resistência deste animal seja grande. Mauss escreve sobre uma cerimônia de caça ao opossum em que o indivíduo leva na boca um pedaço de cristal de rocha, uma pedra mágica, cantando uma fórmula, esse indivíduo se convence de que ele é capaz de capturá-lo. Existe, então, uma relação evidente entre as técnicas de caça e os procedimentos mágicos. É um fenômeno psicológico que se associa a um ato, que antes de tudo, é uma proeza de resistência biológica obtida através de palavras e um objeto mágico. O ato físico, o mágico, o religioso, o técnico se confundem para o agente. O autor, então, divide os atos de tradição em técnicas e ritos. Todos esses modos de agir eram técnicas, técnicas do corpo.

Mauss (2003) constata que entre os elementos da arte de utilizar o corpo humano, os fatos da educação predominavam, a noção de educação se sobrepunha à imitação. Há crianças que têm faculdades de imitação grandes, outras, menores; mas todas se submetem à mesma educação, podemos, assim, compreender a sequência dos encadeamentos. O que acontece é uma imitação prestigiosa (no sentido de eficaz, de que dá certo), a criança imita os atos bem-sucedidos que ela viu serem efetuados por pessoas as quais ela

confia e que possuem autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, mesmo que ele seja exclusivamente biológico. É nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social.

O autor utiliza o seguinte exemplo para demonstrar que a depender da cultura em que determinado indivíduo cresce, ele terá modos de agir próprios dela, sendo possível deduzir se esse indivíduo pertence a esta ou aquela cultura:

Há posições da mão, em repouso, convenientes ou inconvenientes. Assim, podeis adivinhar com certeza, se uma criança conserva à mesa os cotovelos junto ao corpo e, quando não come, as mãos sobre os joelhos, que ela é inglesa. Uma criança francesa não se comporta mais assim: abre os cotovelos em leque e os apoia sobre a mesa, e assim por diante; (MAUSS, 2003, p. 404).

Mauss (2003) chama de técnica o ato tradicional eficaz (repare que nisso não difere do ato religioso, simbólico ou mágico). Não existe técnica ou transmissão se não existir tradição. O ser humano se distingue dos animais porque transmite suas técnicas, quase sempre, de forma oral. O adestramento é a busca de um rendimento, ou seja, se carregamos certos costumes, é porque almejamos um objetivo e queremos atingi-lo com eficácia. Sendo assim, as técnicas são transmitidas por “adestramentos” (ensinamentos) e são classificadas por ordem de eficácia. Não há sentido em transmitir técnicas sem eficácia. As mais eficazes são as que perduram.

Em francês, temos apenas um termo ruim, "kaèile", que traduz mal a palavra latina "habilis", bem melhor para designar as pessoas que têm o senso da adaptação de seus movimentos bem coordenados a objetivos, que têm hábitos, que "sabem como fazer". É a noção inglesa de "craft", de "dever" (destreza, presença de espírito e hábito), é a habilidade em alguma coisa. Mais uma vez, estamos claramente no domínio técnico. (MAUSS, 2003, p.411).

Portanto, entendemos a tatuagem como uma técnica do corpo, uma vez que existe uma tradição através de sua prática, como se sabe a tatuagem foi e é praticada pelos povos originários do Brasil, assim como também por

povos originários de outros países, sendo os nativos os precursores, e hoje, sua disseminação, que ocorreu de forma diversa, é tão grande, que o preconceito e estigma que ela carrega consigo tem diminuído. Além disso, a prática da tatuagem é eficaz, uma vez que promove identificação, “processo psíquico pelo qual as pessoas tomam para si parcial ou totalmente atributos e características de outras pessoas para compor sua personalidade” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001 apud GUARESCHI e SILVA e WENDT, 2010, p.445), e a partir dessa identificação, o indivíduo se torna pertencente a um grupo. Constatamos esse fato na fala de *Beatriz*; ela passa por esse processo de identificação de forma consciente porque em vários momentos da entrevista, verbaliza isso.

Eu acho que a maturidade profissional mesmo. É, tipo, conforme a gente vai se aprofundando mais... É isso, a cozinha sempre teve em mim, gastronomia sempre foi algo que... fui eu, mas a partir do momento em que você começa a se aprofundar na... na sua profissão, a se identificar mais, a vestir essa camisa como sua, essa sou eu, e.. é... por gostar muito de tatuagem, eu senti essa necessidade de passar na pele o recado de quem eu sou, sabe? Por isso que eu fiz nesse momento, não em outro, é, enfim. [...] . É muito louco a evolução da tatuagem em mim. Porque as minhas primeiras tatuagens são totalmente sem significado nenhum. Tipo, coisas aleatórias... Ali, tem significado, mas são coisas bem aleatórias assim. Aos poucos é que essa minha força de vida vai vindo e aí elas vão crescendo e elas vão ficando mais, com mais detalhes, vão ficando mais representativas, elas vão tendo mais... mais tudo, né. [...] E você vai tendo mais noção estética principalmente do que fica legal em você e do que você quer passar, qual o recado que você quer passar né com a sua pele, com aquilo que você vai marcar em você. (Beatriz, 28/02/2023).

Ela expressa através das tatuagens aquilo que a representa, sua identidade individual, que foi influenciada e surge a partir de um grupo, no caso, o de mulheres negras da sua família que eram cozinheiras: “todas as, tudo o que veio antes de mim, a maioria das mulheres que veio antes de mim, nessa questão racial, eu sei que trabalhavam com isso, que viviam disso.” (*Beatriz*, 28/02/2023).

Mauss (2003) afirma que o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem, ou melhor, o primeiro e o mais natural objeto técnico. Essa adaptação constante do corpo a um objetivo físico, mecânico e químico é efetuada em uma série de atos montados no indivíduo por sua educação, pela sociedade a qual faz parte, conforme o lugar que ele ocupa. E assim, as pessoas servem-se de seus corpos.

Pensando no cotidiano das sociedades contemporâneas, podemos constatar uma diversidade de categorias que servem de parâmetro de sucesso, no sentido da eficácia, e que servem também de modelos a serem alcançados por pessoas que pretendem se encaixar em algo. As pessoas ao se tatuarem, podem se enquadrar/demonstrar que são pessoas corajosas, conforme comenta *Beatriz*, “*Mas eu gosto, eu gosto muito de me ver e de passar essa mensagem de destemida, sabe? De uma pessoa que não tem medo, uma pessoa forte. Uma pessoa de ‘ó, tem cuidado, respeita!’.* *Eu acho que passa muito uma... pra mim, uma pessoa tatuada merece muito respeito.*” (*Beatriz*, 28/02/2023); ou que transgridem, mesmo que de maneira sutil, porque por mais que hoje a tatuagem não carregue tanto estigma, ela ainda não é a norma:

Eu acho que é uma forma de contrariar, sabe? O sistema. Uma forma de rebeldia... Acho que tatuagem sempre teve a ver com rebeldia, mas nesse sentido, de você fazer coisas que somente que tão atreladas a contra o sistema, contra as instituições, contra as coisas que nos oprimem e você já saber desse sistema... Porque eu acho que todo preto e favelado sabe do estigma que tem as tatuagens e mesmo assim fazem, sabe? Ele sabe que se um policial pegar ele com um palhaço no braço vai dar muito errado, mas fazer isso é uma forma de protesto, sabe? Tipo: eu vou fazer mesmo assim! Porque é uma resposta e eu acho bonito isso nessa questão. Tem esse valor de rebeldia pra mim. Contra-resposta. (Lusca, 05/02/2023).

Mauss (2003) entende o corpo humano como matéria-prima e ferramenta da cultura, todo gesto “natural” surge a partir das normas coletivas. O corpo/gesto é construído pelo social, que varia de acordo com suas condições de estar no mundo. A cultura é percebida através do ato de se tatuar, o corpo tatuado é ferramenta da cultura. O indivíduo, através de suas tatuagens, comunica seus valores a fim de adentrar em uma tribo que também

os compartilhe. Mas isso não seria possível se nossa noção de “Eu” não estivesse consolidada em cada um de nós. Mauss (2003) afirma que essa noção não foi, desde sempre, bem definida como hoje ela é para nós. Sua intenção é demonstrar como essa noção foi sendo formada nas sociedades ocidentais. Resumidamente, ele menciona que o caminho para que hoje todos nós tivéssemos bem definida a noção de “Eu”, foi o seguinte:

De uma simples mascarada à máscara; de um personagem a uma pessoa, a um nome, a um indivíduo; deste a um ser com valor metafísico e moral; de uma consciência moral a um ser sagrado; deste a uma forma fundamental do pensamento e da ação; (MAUSS, 2003, p.397).

Ao que parece, o sentido original da palavra *persona* era “máscara”. *Persona*, que veio de *per/sonare*, foi inventada logo depois, “a máscara pela (per) qual ressoa a voz (do ator)” (MAUSS, 2003, p.385). Na verdade, a palavra não parece ter origem latina, mas sim, etrusca. Mas se não foram os latinos que a inventaram, foram eles que deram o sentido primitivo que se tornou nosso. Isso porque encontra-se nele traços das cerimônias de clãs, pinturas e máscaras, nas quais os atores se enfeitam conforme seus nomes.

Mauss (2003) afirma que, após o sentido primitivo ser dado pelos romanos à palavra *persona*, para que disso, a noção de pessoa fosse formulada, era apenas um passo. Foi decisiva a revolta da plebe para que adquirissem o pleno direito de cidadania, assim, todos os homens livres de Roma se tornaram cidadãos e tiveram a *persona* civil, alguns tornaram-se *personas* religiosas, certas máscaras, nomes e rituais continuaram ligados a famílias privilegiadas dos colégios religiosos.

Outro costume chegou aos mesmos fins: o dos nomes, prenomes e cognomes. O cidadão romano tem direito ao nome, prenome e cognome que sua gens lhe atribui. O prenome diz respeito à ordem de nascimento que seu antepassado usou, primeiro, segundo. Nome sagrado da gens, e o cognome, é o sobrenome. Um decreto do senado romano determinou que não podia-se utilizar o prenome de uma gens que não fosse a sua. O cognome (o sobrenome que se pode usar) acabou se confundindo com a *imago* (máscara

de cera moldada sobre a face do ancestral morto e conservado no vestíbulo da casa da família). O uso dessas máscaras foi, por muito tempo, utilizado apenas pelas famílias patrícias, nunca se estendendo à plebe. A plebe, estrangeiros que adotavam cognominas que não lhes pertenciam.

Então, Bilbo chama o homem de rosto risonho, do modo mais brando possível. "E agora tu, Peto*?", diz. Com efeito, Estaleno** escolhera para si este sobrenome, tendo como referência as estátuas da família Élia, temendo, se se apresentasse como Lígure, que parecesse usar antes o nome de sua nação do que o de sua família.] Paetus é um *cognomen* dos *Aelii*, ao qual *Staienus*, um lígure, não tinha nenhum direito, e que ele usurpava para esconder sua nacionalidade e indicar uma outra descendência que não a sua. Usurpação de pessoa, ficção de pessoa, de título, de filiação. (MAUSS, 2003, p.388)

Podemos perceber que o “Eu” é encenado a partir do nome/título atribuído a determinada pessoa. A depender do nome atribuído a um indivíduo, ele assumirá determinados papéis e ocupará lugares específicos. Como já mencionado acima, um dos processos para que a noção do “Eu” fosse concebida foi o fato dos romanos adotarem o sentido primitivo da palavra *persona*, sendo assim, esse sentido pode ser percebido em algum grau na nossa concepção de “Eu”.

Essa questão do nome, assemelha-se à questão da tatuagem. Primeiramente, o fato de um indivíduo ser tatuado o reserva certos papéis (aquilo que os outros pensarão de você), os exemplos são múltiplos, mas comento alguns; o da pessoa que é corajosa, ou da que é rebelde, ou até mesmo, criminosa, como comenta *Netu*:

Tipo, minha prima mesmo, ela tem muito uma ideia de morar no Japão, a gente tava conversando sobre tatuagem porque ela tem muita tatuagem e aí ela disse que ponderava muito porque se você quer morar no Japão, você não faz tatuagem né. Ou você vai viver fechadão ou não faz num lugar visível. Porque lá realmente é muito mal visto, a galera tem muito esse sentimento de que quem faz tatuagem é da máfia. Tem lugar que é proibido entrar. (Netu, 15/03/2023).

Em segundo lugar, a tatuagem contribui para que os outros credibilizem o papel que determinado indivíduo pretende assumir (aquilo que você quer que

os outros pensem de você). Essa comunicação entre as pessoas que a tatuagem possibilita, guia quem entra e quem sai de cada tribo.

Fabi (08/02/2023) reconhece que papéis são atribuídos às pessoas tatuadas e relata seu receio quanto ao que os outros podem julgar pelo fato dela ser uma pessoa tatuada no ambiente de trabalho.

A ideia de que eu carrego na minha pele coisas que as pessoas podem ver e automaticamente pensar algo de mim, me incomoda um pouco. Principalmente quando eu penso no ambiente de trabalho, principalmente quando eu penso que eu vou ser professora. E, querendo ou não, tem um código de vestimenta, de aparência esperado de uma pessoa que trabalha com... em determinadas profissões, né. E às vezes, eu olho pras tatuagens e eu penso que talvez eu não me encaixe. Talvez não, eu não me encaixo nesse código esperado. E aí, eu fico as vezes preocupada com o que vão pensar de mim, por eu não me encaixar nesse código, sabe? [...] na curiosidade que pode gerar, nas perguntas, nos olhares, nas hipóteses que podem presumir. Então, me preocupa um pouco isso. Os estereótipos, os estigmas que vem com isso, com você ter tatuagem, com você ter piercing, com essas questões né. Às vezes, eu me preocupo um pouco com isso. Mas, eu prefiro pensar também que, justamente por a nossa geração estar quebrando esse tabu...servindo tabus bem quebrados. (Fabi, 08/02/2023).

Em uma passagem de seu livro *Sociologia e Antropologia* (2003), Mauss menciona que os simulacros, ou seja, uma cópia malfeita que pretende se passar pelo real para enganar os telespectadores, é um atributo da persona. Ao mesmo tempo que a palavra persona (personagem artificial, máscara, papel de comédia e de tragédia) representa a hipocrisia, o estranho ao “Eu”.

Maffesoli utiliza dos conceitos de Mauss para se referir a essa questão da encenação. Ele também trabalha o conceito de persona. Maffesoli (1995 apud GUARESCHI e SILVA, M e P. WENDT, G. 2010) afirma que nos períodos em que a racionalidade esteve guiando o paradigma cartesiano, o corpo foi negado e a ideia de essência supra corpórea aparece. Já na Pós-Modernidade, época das emoções, o corpo se torna tendência, ao contrário do que acontece na Modernidade. A função do corpo passa a ser instaurar a lógica da emocionalidade através de três fenômenos: marcas corporais (compreende

transformações no corpo tais como tatuagens, piercings, vestimentas, definição de musculatura), estar junto e a expressão da máscara social/persona.

Reconhecemos aqui a ideia de “*persona*”, da máscara que pode ser mutável e que se integra sobretudo numa variedade de cenas, de situações que só valem porque representadas em conjunto. A multiplicidade do eu e a ambiência comunitária que ela induz servirá de pano de fundo à nossa reflexão. Propus chamá-la de “paradigma estético” no sentido de vivenciar ou de sentir em comum. Com efeito, enquanto a lógica individualista se apóia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa (*persona*) só existe na relação com o outro. (MAFFESOLI, 1998, p.15)

Dandara (14/03/2023), que tatuou uma águia, quando perguntada sobre o que essa tatuagem remete a ela, respondeu: a força, a garra, a liberdade, a natureza e a boa visão. Ela escolheu tatuar esse animal em seu corpo, porque, segundo ela, se reconhece nas características que são associadas a ele. Comenta que sempre lutou para ter o que quer, e a natureza a guia. Tatuar esse animal fez com que trouxesse para perto de si a natureza, a águia também remete a viagens e poder conhecer novos lugares.

O desenho pra mim, remete [...] pra mim tudo o que esses animais trazem pra mim que é a força, entendeu? A garra. Que é aquela liberdade que eles têm, tudo isso faz com que eu me sinta assim de eu ter a natureza perto de mim. Por isso que eu fiz voltado justamente para animais fortes que eu me considero uma pessoa forte e me identifico com eles, eu tô sempre lutando pra ter o que eu quero, ir em frente independente de qualquer coisa e a natureza é meu guia. A águia [...] me dá o poder de liberdade, de viajar, de descobrir lugares e de sempre tá vigiando os que são os meus, meus filhos. [...] Então foi por isso que eu escolhi a águia, por ela ter uma baita visão. A liberdade é uma coisa muito importante pra mim e a gente tem que conquistar ela. E a liberdade é você ter o direito de ir aonde você quiser, entendeu? [...] Sempre fui uma pessoa muito livre e busquei fazer aquilo que me dava na telha, independente do risco. [...] Foi na águia que eu me identifiquei. [...] Eu adoro a natureza, porque eu busco minha força nela, entendeu? Pra mim, ela é tudo e assim, quando você tá triste, você tem uma percepção tão boa da natureza, [...] Tudo isso você pode tirar e se sentir tranquilo e em paz, sabe? Eu sinto essa força que ela me dá, então eu me identifico muito. Eu adoro a natureza, então ela me faz bem e me ajuda a sempre seguir adiante independente de qualquer coisa, sabe?

São essas características que ela pretende que o outro as reconheça nela, uma forma de exteriorizar tais valores, criando uma máscara que a incorpore em um grupo, que a faça ter um perfil que permita a sua entrada nele, essa persona criada é mutável, e a cada troca de máscara é possível, também, trocar de grupo. Esse processo é percebido por um dos entrevistados.

Eu acho que toda tatuagem, no fundo, tem um significado. Por mais que seja uma tatuagem da moda que você está querendo fazer, significa que você tá querendo fazer parte de um grupo de pessoas que tem aquele tipo de tatuagem. Você atrelou um significado. (Lusca, 05/02/2023).

Sendo assim, a partir de uma imagem/estilo (delineados também pelas tatuagens) o estar junto assume forma, como mencionado no capítulo anterior, as tatuagens promovem a identificação e essa partilha de uma mesma estética, reúne as pessoas em tribos. Dessa forma, as tribos “são formadas por pessoas, ou melhor, *personas*, que possuem um linguajar comum as marcas corporais expressas no e a partir do corpo-*persona*.” (MAFFESOLI, 2000, apud GUARESCHI e SILVA, M e P. WENDT, G. 2010, p.446).

Maffesoli afirma que a corporeidade é o horizonte da comunicação que serve de pano de fundo à aparência, sendo corporeidade “o ambiente geral no qual os corpos se situam uns em relação aos outros; sejam os corpos pessoais, os corpos metafóricos (instituições, grupos), os corpos naturais ou os corpos místicos.” (Maffesoli, 1996, p. 134 apud Guareschi e Silva e Wendt, 2010, p.445). O corpo tatuado transmite uma mensagem que, no ambiente onde os corpos se situam, promove a comunicação. E a comunicação é um vetor do sentimento coletivo, é também através dela que a liga coletiva acontece, e talvez isso não seja percebido por nós conscientemente, talvez não façamos esse movimento de pensar que estamos nos tatuando para que o outro nos reconheça, mas, de alguma forma, isso por nós é sabido. Qual seria o sentido da tatuagem se não existisse o outro para ver? *“É uma forma de eu me expressar. É uma arte né, tanto a música quanto a tatuagem, é uma forma de manifestação também, eu enxergo dessa forma. [...] É só uma vida né então são artes pintadas no meu corpo” (Pedro, 10/02/2023).*

A tatuagem é também, uma imagem, e as imagens transmitem símbolos. Maffesoli afirma que a imagem é central na vida das pessoas, elas se reúnem por conta da imagem, conversam sobre ela, e se emocionam com ela. Como foi dito acima, imagem é símbolo, conseqüentemente, a tatuagem também; sendo estas linguagens do inconsciente, substrato da subjetividade humana. Esse processo é conscientemente comentado por Lusca.

Eu aprendi, assim, a dar um significado abstrato a cada uma delas que não é um... um... algo verbalizado nem na minha mente, sabe? Não existe palavra, mas é como se eu identificasse uma imagem, uma figura, alguma coisa que eu sinto, sabe? Eu acho que... por exemplo, eu vejo beleza em um vaso com flores. Eu acho bonito, sabe? Vaso e flores. E aí, por ser bonito, eu atribuo isso a um sentimento bom que é afeto, uma coisa mais... Eu acho que eu mudei a minha ideia de tatuagem. (Lusca, 05/02/2023).

O último ponto que gostaria de tocar, é em relação a inconstância de nossa identidade, essa questão foi levantada pela grande maioria dos entrevistados. E pode ser explicada tanto pela perspectiva de Maffesoli, como de Bauman.

Já abordamos a questão em Maffesoli que as comunidades emocionais são instáveis porque são movidas pelo sentimento, sendo assim, as tribos formam e se des-formam, as pessoas são inconstantes e sua permanência nas tribos não será eterna, já que sua finalidade é compartilhar gostos e interesses em comum, e nossos gostos e interesses estão, na Pós-Modernidade, permanentemente mudando. Sendo assim, o corpo está em constante transformação e é utilizado tanto para identificar como diferenciar pessoas de determinada tribo.

Quando perguntamos aos entrevistados sobre o que eles acham da tatuagem ser permanente e se eles acham que o significado/sentido das tatuagens poderiam mudar, muitos deles demonstram ter a consciência de que nossa identidade constantemente muda, a forma como cada um lida com as conseqüências disso, varia. A maioria dos entrevistados mencionam que não têm medo de se arrepender de suas tatuagens, isso porque reconhecem que se um dia determinada tatuagem não os representar mais, seu valor estará

mantido por conta do que um dia já viveram, porque elas contam sua história e cada uma retrata alguém que eles já foram.

Acho porque a gente muda e isso é o bacana do ser humano, a gente muda, vive novas experiências. A gente muda e aí pode encarar de outra forma. O desenho pode mudar o significado ou às vezes é uma coisa que não faz mais sentido. Ainda bem que tem muita gente fazendo coberturas muito boas. Então eu acho super normal até se isso acontecer. Eu acho mais difícil acontecer comigo, eu comecei a me tatuar mais velha já, já tinha mais de 30 anos quando fiz a minha primeira tatuagem. Então é diferente né porque a grande mudança, eu acho, a gente passa de adolescente até os anos 20 aí, os 20 anos é quando a gente muda muito. E vai ser mais natural não ter arrependimento por causa disso. (Tyce, 12/04/2023).

Outros mencionam o fato de que temos que ter certeza sobre aquilo que vamos tatuar para não nos arrepender no futuro, admitindo que durante nossas vidas, estamos em constante mudança; segundo eles, se isso for levado à risca, dificilmente o arrependimento ocorrerá. *Julia* quando perguntada sobre o que ela acha da permanência das tatuagens, respondeu:

Ah, eu acho louco. Acho meio louco porque... enfim, né, aí é que tá fazer coisas que você realmente gosta porque vai ficar no seu corpo até... enfim né. Até pra retirar não é uma coisa que sai cem por cento, sabe? E vai lhe deixar marcas. E aí é sobre isso, fazer coisas que você realmente gosta porque é permanente e aí agora eu tô tentando também ter a certeza, fazer com calma. Fazer coisas que eu não vou desgostar daqui um tempo. (Julia, 30/03/2023).

Bauman (2005) compreende essa inconstância do sujeito de nossa época, mas de maneira diferente. Para ele, a modernidade se divide em duas épocas, a modernidade sólida, que seria a dos valores sólidos da sociedade ocidental, das instituições sólidas e das tradições duradouras; e a modernidade líquida, a que hoje vivemos, que é a sociedade da inconstância, instabilidade; nesta, a construção da identidade pode ser um sonho, um pesadelo ou ambos. Esse processo de mudança de uma modernidade sólida para líquida aconteceu quando a globalização começa a corroer as bases em que as pessoas se ancoravam, ao mesmo tempo em que os Estados-nação entraram em colapso, esse colapso causou o esvaziamento das instituições democráticas e

privatização da esfera pública. Os Estados-nação passaram a não controlar mais o fluxo de capital e a informação da mídia, as fronteiras ficaram frágeis.

Nas sociedades tradicionais, as identidades dos indivíduos eram definidas pela sua posição social, estabelecida no nascimento, agora, a realidade não é mais essa. Bauman (2005) entende que, na modernidade líquida, nós criamos nossa própria identidade, não herdamos. Não apenas criamos isso do zero, como passamos nossa vida inteira redefinindo-a. Isso porque os estilos de vida, o que é considerado bom e ruim para nós, aquilo que nos atraiem, mudam, muitas vezes, em nossas vidas. “As pessoas em busca de identidade se vêem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’” (BAUMAN, 2005, p.16).

Não é por outro motivo que a maioria dos entrevistados pontuou que acham que a mudança de sentido da tatuagem possa ocorrer, uma vez que estamos em constante mudança. *Pedro* quando perguntado sobre se ele acha que o sentido da tatuagem pode mudar, respondeu:

Acho. Até porque tudo é passageiro né, a gente pode mudar de opinião sobre certas coisas, até moldá-las também. Porque cada dia é um aprendizado a mais que a gente tem né, mais um dia de vida e isso muda a gente numa perspectiva que a gente pensa muito sobre, querendo ou não. Aí tem uma perspectiva diferente. Umas incongruências também. (Pedro, 10/02/2023)

Foi possível compreender, então, que se tatuar é uma tradição e que sua eficácia se localiza no processo de identificação que ela provoca entre os indivíduos. Sendo assim, eles comunicam, através de suas tatuagens, temáticas que têm relação com suas singularidades. A partir das máscaras que eles assumem, adentram nos grupos por eles visados. Resta analisar, no próximo capítulo, de que forma as vivências subjetivas dos sujeitos são expressas na tatuagem.

3. “EU TATUO COISAS QUE SÃO IMPORTANTES PARA MIM, [...] QUE É REPRESENTATIVA DA MINHA VIVÊNCIA NO MUNDO”

Há duas discussões sobre subjetividade em Foucault, a mais conhecida vai até os anos 1977, em que ele pensa a subjetividade enquanto objeto de práticas de coerção. Entretanto, ocorre uma virada em seu pensamento ao perceber que os processos de dominação e coerção são, de um lado, ineficientes, e de outro lado, mantém ainda, certa vigilância sobre os corpos. Sendo assim, a partir de 1978, o autor passa a discutir sobre subjetividade não apenas como algo derivado das práticas de coerção, mas, além disso, a compreende como espaço de práticas de liberdade. (Neto, 2017).

Vigiar e punir, publicada em 1975, é considerada uma de suas obras mais importantes e nela, o autor pensa, ainda, a subjetividade como objeto de práticas de coerção, através do seu conceito de docilização dos corpos:

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Os famosos autômatos, por seu lado, não eram apenas uma maneira de ilustrar o organismo; eram também bonecos políticos, modelos reduzidos de poder: obsessão de Frederico II, rei minucioso das pequenas máquinas, dos regimentos bem treinados e dos longos exercícios. Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (FOUCAULT, 1987, p.163).

Em *Vigiar e punir* (1987), Foucault discorre sobre o sumiço dos suplícios, que se extingue no fim do século XVII e começo do XVIII na Europa central, fazendo com que a coerção deixe de ser direcionada ao corpo físico. O corpo supliciado desaparece, exposto vivo ou morto, como espetáculo. E tudo que pudesse implicar como espetáculo, desde então, terá cunho negativo. O corpo não é mais alvo principal da repressão penal, e o domínio sobre ele acaba. A punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias conseqüências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem

do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens.

Por essa razão, a justiça não mais assume publicamente a parte de violência que está ligada a seu exercício. Desde então, é a própria condenação que marcará o delinqüente com sinal negativo. Publicidade, portanto, dos debates e da sentença; quanto à execução, ela é como uma vergonha suplementar que a justiça impõe ao condenado; guardando distância, tendendo sempre a confiá-la a outros e sob a marca do sigilo. É indecoroso ser passível de punição, mas pouco glorioso punir.

Daí esse duplo sistema de proteção que a justiça estabeleceu entre ela e o castigo que ela impõe. A execução da pena torna-se um setor autônomo, em que um mecanismo administrativo desonera a justiça, que se livra desse secreto mal-estar por um enterramento burocrático da pena.

O essencial é procurar corrigir, reeducar, “curar”. Não tocar mais no corpo para atingir nele algo que não é o corpo propriamente. A prisão, a reclusão, os trabalhos forçados, a interdição de domicílio, a deportação, são penas “físicas”. Mas a relação castigo-corpo não é idêntica ao que ela era nos suplícios. O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem.

Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais — pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica

específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. (FOUCAULT, 1987, p. 195)

Por efeito dessa nova retenção, um exército inteiro de técnicos veio substituir o carrasco, anatomista imediato do sofrimento: os guardas, os médicos, os capelães, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores; por sua simples presença ao lado do condenado, eles cantam à justiça o louvor de que ela precisa: eles lhe garantem que o corpo e a dor não são os objetos últimos de sua ação punitiva.

É um poder mais modesto e permanente. Entretanto, esses procedimentos menores, comparados aos rituais majestosos dos aparelhos do Estado, vão, pouco a pouco, invadir essas formas maiores, modificar seus mecanismos e impor seus processos. Nem mesmo o aparelho judiciário escapará. O uso dos instrumentos mais simples, o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame, é o que confere o sucesso do poder disciplinar.

Nessa lógica, as instituições seriam responsáveis por tornar a subjetividade objeto de coerção. Se as instituições são guiadas pelo pensamento hegemônico, significa dizer que estão permeadas pelo machismo, racismo, homofobia, entre outras categorias de opressão, destruindo as subjetividades dos que não fazem parte do grupo dominante. Essas formas de coerção disciplinam os corpos marginalizados, pressionando para que não sejam o que são, ou que desejem ser o que não são.

Podemos observar tal situação na fala de nossa entrevistada *Fabi*, seu corpo é, de certa forma, controlado; uma vez que pensa em tatuar um local mais escondido, e não aquele que ela verdadeiramente queria, isso por conta das questões de estigma que a tatuagem carrega e pela forma como o preconceito direcionado a *Fabi* se intensifica por ela ser uma pessoa não-branca e tatuada.

Às vezes eu penso que eu queria ter feito elas em lugares mais escondidos. Mas é lidar com isso, né. [...] Por causa dessas questões de estigmas mesmo né. E tem o fato de que eu já sou preta, em cor né, em termos de cor, e aí tatuagem... E eu já carrego um monte de estereótipos, de estigma na minha pele só pela cor da minha pele e aí eu vou e me tatio. E agora tá essa onda bizarra na internet de que tatuagem passa um

aspecto de sujeira, sabe? E eu cresci num mundo onde eu já ouvi muitas vezes que pele negra passava um aspecto de sujeira. Não com essas palavras. Mas assim, sabe? Essa lógica. Então eu acho que acaba intensificando esse olhar problemático e violento que as pessoas têm sobre a minha pele porque já é uma pele escura e é uma pele tatuada. (Fabi, 08/02/2023).

A ideia de sujeira relacionada à pele escura pode ser entendida através de outro conceito trabalhado por Foucault (1984): o de jogos de verdade. Essa noção de verdade está presente na ciência ocidental dominante e na cultura moderna em geral, a verdade opera através dos dualismos: a concepção da realidade em duas partes opostas, considerando um dos lados mais importante do que o outro. O que é entendido enquanto verdade é ditado pelo discurso dominante, nos forçando a ser o tipo correto estabelecido por eles e forjando os estigmas.

Essa objetivação e essa subjetivação não são independentes uma da outra; do seu desenvolvimento mútuo e de sua ligação recíproca se originam o que se poderia chamar de “jogos de verdade”: ou seja, não a descoberta das coisas verdadeiras, mas as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso. Em suma, a história crítica do pensamento não é uma história das aquisições nem das ocultações da verdade; é a história da emergência, o preço com o qual, de qualquer forma, ela foi paga, seus efeitos no real e a maneira pela qual, ligando um certo tipo de objeto a certas modalidades do sujeito, ela constituiu, por um tempo, uma área e determinados indivíduos, o *a priori* histórico de uma experiência possível. (FOUCAULT, 1984, p. 235).

Os discursos de verdade nos induzem a pensar que se vivermos da maneira correta, seríamos recompensados, com dinheiro, poder ou reconhecimento, por exemplo. Quanto mais um sujeito segue a verdade dominante, a verdade do homem branco hétero, mais recompensas ele ganha. Isso quer dizer que tudo que foge à verdade está sujeito a marginalização, isso significa uma depreciação da própria vida, destruindo as possibilidades de diferenças. A verdade torna a identidade das pessoas algo fechado em si mesmo. Os jogos de verdade são, dessa maneira, jogos de opressão,

mas uma análise dos "jogos de verdade", dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado. (FOUCAULT, 1984, p.11)

O discurso dominante pretende que os jogos de verdade sejam perpetuados para que a hegemonia mantenha ou aumente suas regalias, é de seu interesse que todos participem dessa lógica dualista para o aprofundamento das desigualdades. Ao negar participar dos jogos de verdade, teríamos o entendimento que nossas identidades, práticas e modos de vida não devem ser guiadas pelo discurso dominante. Podendo, assim, alcançar a transformação na vida dos sujeitos dissidentes, em um sentido de melhoria e aceitação da diversidade.

No contexto da tatuagem podemos observar como os jogos de verdade colocaram os sujeitos tatuados num local de marginalidade, ser sujeito tatuado não se encaixava na maneira “certa” de se viver. Entretanto, quando a classe média se apropria dessa prática, todo estigma e preconceito direcionado às pessoas tatuadas passa a diminuir. Podemos observar como, ao longo do tempo, através dos jogos de verdade, esse processo moldou a identidade dos sujeitos, os colocando como marginais, e posteriormente, transgressores.

Intrigada com a falta de pesquisas sobre tatuagem, a historiadora Silva Jeha desenvolveu pesquisa e publicou o livro “Uma História da Tatuagem no Brasil” (2019) talvez, a obra mais ambiciosa já publicada referente à história da tatuagem no Brasil. Trata-se de uma densa pesquisa realizada a partir de um recorte temporal considerável. A autora fez um recorte temporal do século XIX até os anos 1970, década em que a tatuagem começa a ser disseminada entre novos grupos sociais.

No mundo ocidental e no Brasil, os marujos são cruciais na história da tatuagem. Desde a primeira metade do século XIX, há registros da chegada de marujos tatuados, como também, de marujos nascidos em território do Brasil Império. O fato de serem itinerantes fazia com que eles disseminassem a prática da tatuagem, alguns dos marinheiros eram tatuadores. Essa cultura de navio e cidades portuárias também pertence aos quartéis; isolados e longe de casa, os soldados também possuíam o hábito de se tatuar.

A tatuagem era uma cultura das camadas mais pobres entre a segunda metade do século XVIII e meados do século XX. Segundo Jeha (2019, p.187), “era também uma cultura desprezada e criminalizada a ser convertida em

mania nacional como o samba, a capoeira e tantas outras práticas transgressoras dos pobres”.

Os(as) tatuados(as), antigamente, eram enxergados como criminosos, marginais, suspeitos, eram estigmatizados e discriminados. As páginas policiais de jornais, desde o final do século XIX, associavam as palavras “tatuado” ou “tatuagens” com o crime e a morte. Aumentavam a quantidade de jornais que traziam manchetes com suspeitos, ladrões ou assassinos referidos apenas como “tatuados”. As mulheres que se tatuavam eram mal vistas, e relacionavam a prática à sexualidade. A tatuagem feminina era principalmente registrada entre as prostitutas. A autora relata o caso de Beatriz Barbosa como exemplo:

Espalhada pelos jornais cariocas de 1919 a 1948, uma sequência de notícias forma um folhetim involuntário. Ela narra as desventuras da tatuadíssima alagoana Beatriz Barbosa no Rio de Janeiro. [...] Nos 30 anos que podemos acompanhar sua trajetória, descobrimos sob o manto de tantas contravenções pequenos rastros de sua história mais íntima: de migrante, favelada, doméstica, prostituta, andarilha, sem-teto, amante de samba, com ódio e amor no coração, alcoólatra, usuária de cocaína e navalha, mendiga e eventualmente louca. Transgredia permanentemente. [...] Beatriz foi presa na maior parte das vezes porque estava na rua, porque bebia, porque não tinha endereço fixo. Isso a distanciava cada vez mais do acesso à cidadania, instituição que jamais conheceu. [...] Havia chegado a tal grau de marginalização e estigma, era tão destituída de bens, respeitabilidade e cidadania, que não tinha nada a perder. Tatuarse era um dos atributos comuns dos párias totais. E quem se tatuava sabia que ia pagar um preço alto por isso. (JEHA, 2019, p. 219).

Jeha afirma que, entre as elites, ela só encontrou registros da prática da tatuagem a partir dos anos 1970. A disseminação da prática certamente tem ligação com uma maior exposição das partes do corpo antes ocultadas.

Nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX, a depender da localidade no Brasil, a prática da tatuagem se manteve restrita às camadas mais populares e marginalizadas. Foi nessa época que grupos como surfistas, hippies, punks e roqueiros começaram a aderir à prática por se tratar de um símbolo de marginalidade, um ato de transgressão, até que isso se tornou moda e ingressou na cultura pop ocidental. Esse “renascimento da tatuagem”, explodiu em todas as classes sociais, quase que no mundo inteiro. A tatuagem se

tornou uma solução coletiva de aderir a transgressão e não ser punido por isso. Era sobre ser viril, valente, marginalizar-se, guardando o privilégio de não ser criminalizado.

Alguns de nossos entrevistados, como *Fabi* e *Humberto*, reconhecem o fato do preconceito em relação à tatuagem ter diminuído em relação às gerações mais antigas. *Humberto* relata que sua avó, duas gerações anteriores a ele, ainda associa o sujeito tatuado ao crime, ao lugar marginal.

Mas o significado da tatuagem pra ela, é uma coisa que ela associava a pessoas que tinham um lugar social muito ruim, tipo marginal, ladrão, pessoas sem família. Então tipo, pessoas que não podiam ser boas. Aí eu acho que hoje, o principal, é que isso tá mudando muito e você vê várias pessoas e não tem nada a ver com nada. Tipo, recentemente eu vi uma repórter na Globo muito tatuada, tipo fazendo uma... inclusive (incompreensível - 10:0) internacional, então tipo isso é uma coisa que ninguém ia pensar. Então você não vê mais somente o estereótipo de pessoa com tatuagem e isso ajuda muito a quebrar o tabu porque todo tipo de pessoa tem tatuagem. Pessoas, inclusive, que não tem nada a ver com nada, do bolsomion ao comunista. (Humberto, 24/02/2023).

As instituições, através dos jogos de verdade, são guiadas pelo pensamento hegemônico, visando controlar os corpos dissidentes. Ser uma pessoa tatuada já provoca preocupações naqueles que se tatuam e lhes geram críticas negativas vindas da família, dos amigos ou de seus chefes de trabalho, como comenta a maioria dos entrevistados:

Até com meu marido eu briguei porque ele disse que eu era motoqueira agora, que eu era drogada, aí eu disse “é, estou na classe. Entrei na classe, nem se preocupe” (risos); Mas depois ele se acostumou, disse até que ficou bonita, eu disse: tá vendo? São seus olhos. Dandara (14/03/2023).

Isso somado ao racismo, homofobia, machismo, que foram instaurados nas nossas sociedades através da narrativa hegemônica, torna o sujeito tatuado e que pertence a um ou mais de um grupo minoritário, suscetível a sofrer ainda mais preconceito. Um terço dos entrevistados fizeram essa associação à raça.

É impactante, né. Assim, porque, pra ser uma mulher negra já é impactante demais pra essa sociedade racista mas ser uma mulher negra tatuada é agressivo. Eu sou vista como uma pessoa agressiva, muitas vezes. E eu ouço muito, ah eu pensei que tu era diferente aí quando eu pergunto “como assim

diferente?”, “oxe, que tu era mais brava”. Depois que me conhece né e vê que eu sou muito amorzinho. Ai depois vem o acolhimento. (Beatriz, 28/02/2023).

Metade dos entrevistados escolheram marcar em si imagens que, de alguma forma, tocavam em questões que envolviam classe e ou gênero e ou raça. Então, pode-se compreender, que a tatuagem vem sendo utilizada de maneira a falar sobre questões de diversidade. Em dado momento, Foucault (1984) não se refere mais aos jogos de verdade como prática coercitiva, mas como uma prática de autoformação do sujeito

É o que se poderia chamar de uma prática ascética, dando ao ascetismo um sentido muito geral, ou seja, não o sentido de uma moral da renúncia, mas o de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser. Considero assim o ascetismo em um sentido mais geral do que aquele que lhe dá, por exemplo, Max Weber; mas está, em todo caso, um pouco na mesma linha. (Foucault, 1984, p.265).

Foucault (1984) passa a compreender a subjetividade como um espaço de práticas de liberdade e práticas de si, as formas de se exercer a si mesmo diante de um campo complexo de relações de poder.

Em primeiro lugar, penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Eu sou muito cético e hostil em relação a essa concepção de sujeito. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição (assujeitamento) ou, de uma maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade— a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural. (Foucault, 1984, p.291).

A identidade pode ser entendida não mais como algo fechado em si mesma, mas algo em processo de mudança constante. Dessa maneira, o sujeito não é mais completamente passivo em relação aos jogos de verdade.

A subjetividade entendida como emergência histórica de processos, não determinados pelo social, mas em conexão com os processos sociais, culturais, econômicos, tecnológicos, midiáticos, ecológicos, urbanos, que participam de sua constituição e de seu funcionamento. A noção de causalidade dá lugar à de concomitância, de conexão rizomática ou

causalidade imanente (como propõem Deleuze e Guattari). Foucault fala de 'desmultiplicação causal', que consiste numa análise dos acontecimentos, segundo os processos múltiplos que os constituem (Foucault, 2003, p. 339). Aqui a idéia de interioridade identitária cede lugar à de processualidade em permanente transformação e à pluralidade de sua constituição. Por isso, a noção de processos de subjetivação é uma formulação que atende melhor a esse enfoque do que a noção de sujeito. Interessa pensar a subjetividade mais como processo que como estrutura. E também, como emergem, concomitantemente, novos modos de subjetivação ante os novos arranjos, na cidade contemporânea. (NETO, 2004, p.5).

A tatuagem demonstra ser, então, uma maneira de utilizar o próprio corpo para se rebelar aos modelos impostos. Através dos significados de suas tatuagens, os sujeitos comunicam quem são. É nesse movimento de reafirmação das singularidades dos sujeitos que uma realidade diversa é apresentada. Torna-se nítido, por um lado, que a coerção aplicada pelas instituições não é eficiente porque, para muitos, tatuar-se também é uma contra-resposta, rebelando-se, os sujeitos demonstram sua autonomia frente às narrativas hegemônicas. Como já vimos, eles dialogam sobre ser negra e como isso se relaciona de maneira ancestral com a cozinha, sobre a dificuldade de ser lida enquanto travesti, sobre ser a primeira pessoa da família a entrar numa universidade ou sobre ser uma pessoa periférica, como menciona *Pedro*.

Pedro tatuou a capa do álbum dos Racionais, intitulado “Nada como um dia após o outro dia”; e nos explicou que essa capa remetia a ele luta, desafio, resiliência e a união da favela contra o Estado e não contra ela mesma (rixa de tráfico). Ele, todos os dias indo ao trabalho, colocava essa álbum para escutar porque o motivava; na época, estava com depressão e sofria de ansiedade, e as letras das músicas falavam sobre a vida ser um desafio “para eles” e que o melhor seria continuar seguindo em frente, uma questão de sobrevivência. Então, o fato dele gostar muito de música junto ao incentivo rimado no álbum, esse acreditar para dar certo, o ajudava a levar a vida cotidianamente. Quando ele menciona “que cada dia, após outro dia, é uma sobrevivência pra gente...”, está se referindo a moradores de favelas, incluindo-se nisso:

É porque eu cresci sempre em favela, né, em comunidades que teve muitas guerras, assim, muita morte envolvida. Coisas que com o tempo me fizeram refletir sobre a sociedade, é uma coisa que eu quero mudar também, tanto que eu escrevo algumas músicas pra... nessa vertente de Racionais porque eu vejo como é a violência né. Lá na área recentemente, houve dois assassinatos de dois garotos... garotos não né, tinham 20 anos, mas eram muito novos que eram gerentes da boca e foram assassinados a troco de nada, sabe? Só por conta das drogas que são ilegais e isso pra mim, é um absurdo. Basicamente é uma forma de revolta também né. [...] Basicamente eu sinceramente só não entrei pro crime por conta das ideias dele que me fizeram... que foi o meu freio pra eu não entrar, que existiam outros caminhos além disso. (Pedro, 10/02/2023).

Para refletir sobre o comércio de drogas proibidas nas comunidades populares brasileiras, voltamos a Maffesoli: o afeto é vetor de entrada para as tribos, é a partilha dos mesmos sentimentos que cria a liga do coletivo. O sentimento de revolta compartilhado entre um mesmo grupo que sofre injustiças sociais, faz com que eles se unam contra quem perpetua essas desigualdades, em prol de uma vida mais justa. “Sem adorná-los, cada vez, de aspas, pretendo insistir no aspecto “coesivo” da partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais que estão, ao mesmo tempo, absolutamente circunscritos (localismo) e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais. (MAFFESOLI, 1998, p. 28).

Pedro menciona que o álbum fala sobre a união da favela com a favela, entendendo que o seu inimigo é o Estado, que a comunidade não deve entrar em conflito consigo mesma; essas rixas seriam só mais uma estratégia de genocídio da população negra e indígena moradoras das favelas.

E fala muito sobre união também né. Fala muito sobre a guerra que acontece entre o Estado e a favela né, a comunidade. Fala pra gente se unir que o nosso único inimigo é o Estado, pra gente não lutar contra a gente mesmo, não ficar se matando né com rixa de tráfico, de bocas, enfim. (Pedro, 10/02/2023)

Um número expressivo de entrevistados, ¼ deles, mencionou se tatuar como ato de desobediência, mesmo fazendo parte de um grupo dissidente, tatuam-se como forma de resistir aos jogos de verdade e assim expõem suas

subjetividades. A subjetividade como espaço das práticas de si “permitem aos indivíduos realizar, por eles mesmos, um certo número de operações em seu corpo, em sua alma, em seus pensamentos, em suas condutas” (Foucault, 2006, 95 apud Soneghet, p. 2021, p.31).

É através dessa lógica que o sujeito é guiado por um princípio de “auto-conduta”, praticando sua liberdade, em um campo complexo de relações de poder. Os sujeitos, ao se tatuarem com o intuito de provocar a norma estabelecida, estão exercendo a liberdade que a hegemonia, de um lado, fracassa em tentar destituir, e, de outro lado, ainda mantém sua narrativa em voga.

A entrevistada *Hannah*, quando questionada sobre o porque ela, já sofrendo preconceito por ser travesti, ainda assim se tatua, sabendo que, dessa forma, poderá sofrer mais ainda, responde:

Ah, me leva a desobediência. Tipo, vou ter que obedecer, por ser travesti tem que ser comportada, sabe? Não mostrar, não ser tão radical. Mas sabe, eu desobedeci isso que eles colocam e eu vou ser radical, vou ser desobediente sim. Vou colocar num lugar que seja chamativo, que as pessoas olhem pra mim. E acho que até vão recuar um pouco porque não é todo mundo que faz tatuagem porque dói, é uma dorzinha dependendo do lugar. Então, acho que as pessoas olham pra mim, pra tatuagem, e eu aguentei essa dor, sabe? Eu acho que é uma dor que faz as pessoas ó ela é foda pô, ela fez em baixo do peito... Eu sempre fui assim, loucona. Eu furei meu septo sozinha. Um septo bem grosso assim, o piercing, no septo. E foi loucura quando eu fiz isso, queria muito, todo mundo caiu pra trás. (Hannah, 24/03/2023).

Foi possível, desta forma, analisar como as vivências subjetivas dos sujeitos são expressas na tatuagem. Os temas escolhidos sempre tem uma relação de significado referente a quem eles são no mundo. Um mundo que é ditado conforme a narrativa hegemônica, que representa muito pouco da vasta diversidade presente na sociedade e exclui todo grupo minoritário das recompensas prometidas pela ideologia burguesa. É necessário que as pessoas reconheçam sua liberdade e autonomia frente à narrativa dominante e mantenham uma posição crítica perante a ela. A tatuagem é só uma das formas em que isso pode ser observado. Através dela, a pluralidade é

retratada, os sujeitos expressam suas histórias de vida e formam cartografias no corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões feitas, pode-se, ao menos provisoriamente, responder a questão do que leva os indivíduos a se tatuarem e quais as relações dos significados das tatuagens com suas histórias de vida. Viu-se que, apesar da modernidade ser marcada pela individualidade, racionalidade e desagregação, com o seu avanço ocorreu um processo de desindividualização e uma nova configuração social vem sendo formada; isso é estudado por Maffesoli (1998) através de seu conceito de tribos urbanas, o qual escolhemos para desenvolver parte de nossa análise nesta pesquisa. Compreendemos, assim, que os indivíduos se tatuam porque é através, também, de suas tatuagens que eles se comunicam, expressando seus valores. Dessa forma, as pessoas tatuadas se conectam com aqueles que compartilham os mesmos valores, sejam estes de ordem ética, estética ou de pertencimento aos costumes do grupo.

Com a pós-modernidade, o corpo se torna tendência e sua função é instaurar a lógica da emocionalidade através do estar junto, da máscara social e das marcas corporais, tais como a tatuagem. Identificamos a tatuagem enquanto técnica do corpo, conceito desenvolvido por Mauss (2003), porque ela é uma tradição e sua eficácia está no processo de identificação que provoca entre os membros de um grupo, já que o corpo humano é uma ferramenta de cultura e todo gesto *natural* surge a partir das normas coletivas. O corpo varia sua forma de acordo com suas condições de estar no mundo. Sendo a tatuagem, uma ferramenta da cultura. A partir dela, os indivíduos comunicam seus valores para adentrar numa tribo, formada por personas, que também os partilham. Concluimos, então, que os sujeitos pretendem comunicar com suas tatuagens temáticas que irão gerar identificação.

Por fim, analisamos como as vivências subjetivas dos sujeitos podem ser expressadas através da tatuagem. Foucault, por um tempo considerável, compreendeu a subjetividade enquanto objeto de práticas de coerção. O corpo é colocado num sistema de coação e de privação, obrigações e interdições, privando o indivíduo de sua liberdade, e impedindo corpos marginalizados de

serem quem são ou os forçando a desejar ser o que não são. A lógica das instituições é a dos jogos de verdade, as verdades são ditadas pela narrativa hegemônica. Esse fenômeno causa a depreciação da própria vida, destruindo todas as possibilidades de diferenças. Entretanto, a partir de 1978, Foucault passa a perceber a subjetividade não apenas como algo derivado das práticas de coerção, mas como um espaço de práticas de liberdade. Pode-se observar, através das entrevistas feitas, como a subjetividade dos indivíduos pesquisados foi retratada em suas tatuagens. Através dos temas escolhidos, os indivíduos retrataram suas singularidades, quem eles são e o que viveram/vivem, evidenciando as questões da diversidade social e cultural. Sendo assim, a tatuagem é uma forma de exercer a sua identidade, diante de um campo complexo de relações de poder. Usa-se o corpo para se rebelar contra os modelos impostos e fazendo, assim, que outras verdades, outras narrativas, sejam expressas com a tatuagem, e estimulando que os indivíduos mantenham uma posição crítica perante a hegemonia.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DIAS, Ayra C. S. **Pedagogia da navalha e molotov**. Medium, 2020. Disponível em <<https://medium.com/@ayrasdias/pedagogia-da-navalha-e-molotov-a555e79a7c5>>. Acesso em: 8 de agosto de 2023.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, vol. 5. Ética, sexualidade, política**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

GUARESCHI, Pedrinho; SILVA, Marli; WENDT, Guilherme. **Existe sujeito em Michel Maffesoli?** Psicologia USP. São Paulo, v.21, n.2, pp. 439-455, 2010.

JEHA, Silvana. **Uma história da tatuagem no Brasil**. São Paulo: Veneta, 2019.

NETO, João. **A analítica da subjetivação em Michel Foucault**. Revista Polis e Psique. Rio Grande do Sul, v. 7, n.3, pp. 7-25, 2017.

NETO, João. **Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos**. Revista do Departamento de Psicologia, UFF. Rio de Janeiro, v.16, n.1, pp. 111-120, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MALINOWSKY, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. 3ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MOCELLIM, ALAN. D. **A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea.** PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n.2, pp.105-125, 2011.

SONEGHET, Lucas. **A subjetividade corporificada nos marcos da sociologia existencial.** Civitas, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.21, n.1, pp. 23-34, 2021.

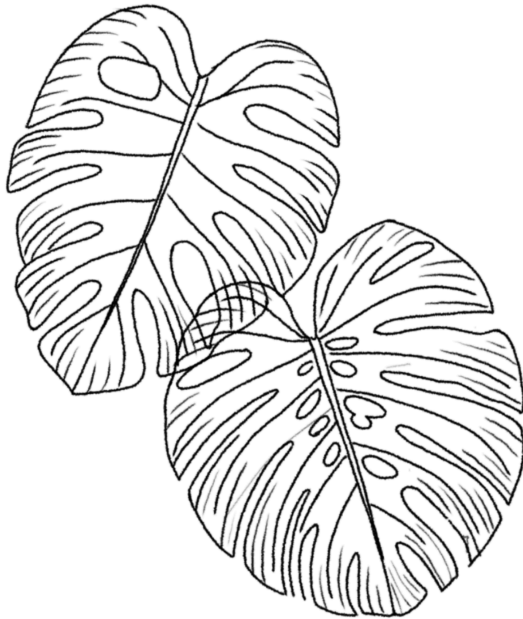
APÊNDICES

A — QUESTÕES INICIAIS DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- A que esse desenho remete, para você?
- Quais foram as motivações que levaram você a tatuar esse desenho?
- Essa é sua primeira tatuagem? Caso sim, por que você está se tatuando agora? Caso não, o que levou você a escolher esse tema agora e não antes?
- O que você pensa sobre o fato da tatuagem ser permanente? Você acha possível mudar de opinião sobre a escolha do desenho e ou sentido atribuído a ele?

B — DESENHOS DAS TATUAGENS

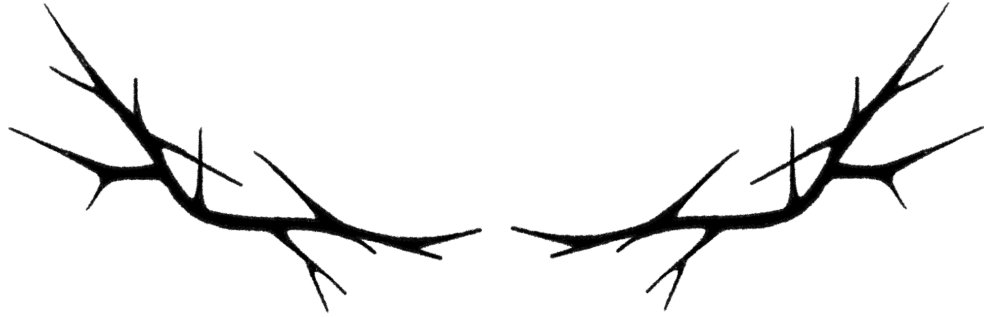
- Folhas de costela de adão:



- Vaso de flores de orquídeas:



- Figura espinhosa:



- “Tanto Faz”: título da música de Urias:

TANTO FAZ

- Caldeirão de bruxa:



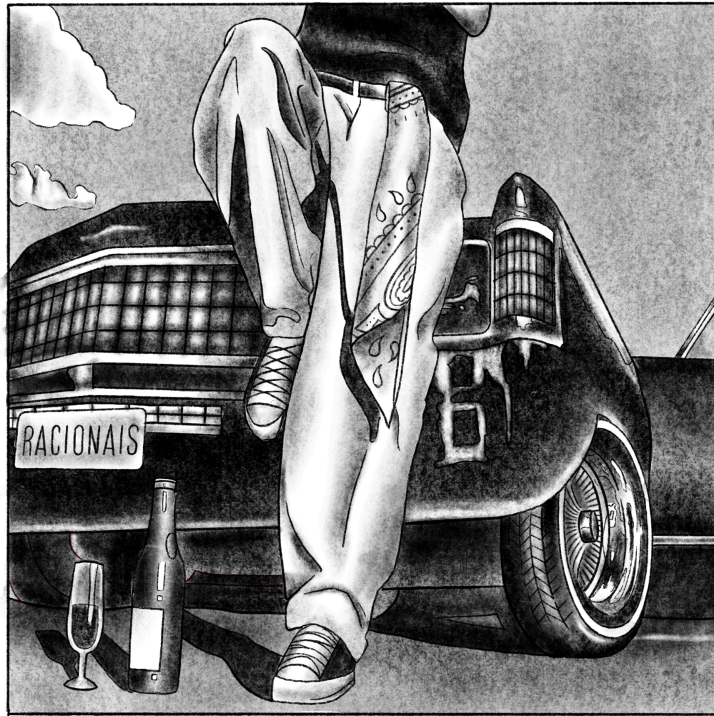
- Estátua do Chico Science da Rua da Moeda:



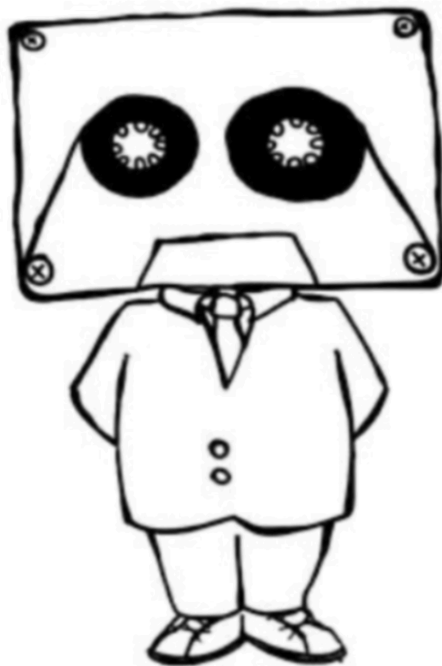
- Carranca:



- Capa do álbum de Racionais "Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1&2":



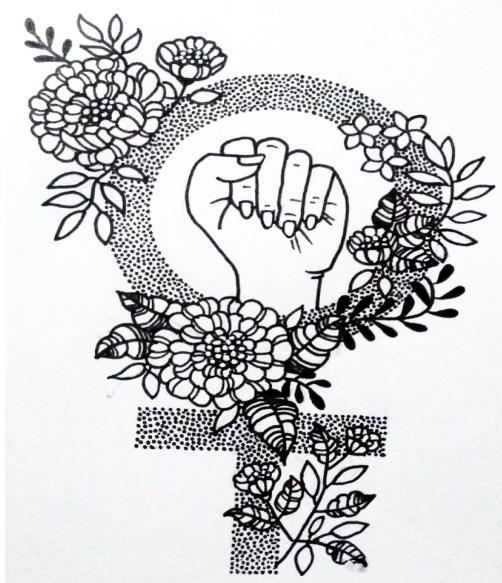
- Cabeça de Fita, capa da mixtape de Emicida "Pra Quem Já Mordeu um Cachorro por Comida Até Que Eu Cheguei Longe":



- A gata de Netu:



- Símbolo do feminismo:



- Águia:

